



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

IGOR PAVAN TRES

CARLOS & MÁRIO
ANÁLISE DO NACIONALISMO NAS CORRESPONDÊNCIAS DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE E MÁRIO DE ANDRADE

CHAPECÓ
2020

IGOR PAVAN TRES

CARLOS & MÁRIO

**ANÁLISE DO NACIONALISMO NAS CORRESPONDÊNCIAS DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE E MÁRIO DE ANDRADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2020

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Tres, Igor Pavan

Carlos & Mário: Análise do nacionalismo nas correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade / Igor Pavan Tres. -- 2020.
59 f.:il.

Orientador: Doutor Ricardo Machado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2020.

1. História das Correspondências. 2. História dos
Intelectuais. 3. Modernismo. 4. Carlos Drummond de
Andrade. 5. Mário de Andrade. I. Machado, Ricardo,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

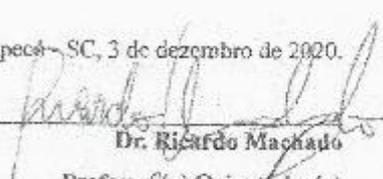


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Av. Itália km 08, Campo Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-399, 2049-6426
f: (51) 3361-1000 | e: ufpa@ufpa.br, www.ufpa.edu.br

RESUMO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

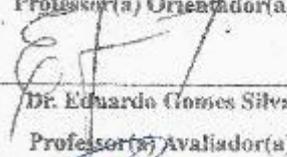
Realizado no dia 03 de dezembro de 2020, às 16 horas, através de videoconferência, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) campus Chapecó, reuniu-se a banca avaliadora para avaliar a monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): Professor(a) Orientador(a) Dr. Ricardo Machado, Professor(a) Dr. Eduardo Gomes Silva e Professor(a) Avaliador(a) Dr. Fernando Vojniak. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura - elaborado pelo(a) acadêmico(a) IGOR PAVAN TRES sob o título: "*Carlos & Mário: Análise do nacionalismo nas correspondências de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*". obteve nota 9,5 sendo considerado APROVADO.

Chapecó-SC, 3 de dezembro de 2020.



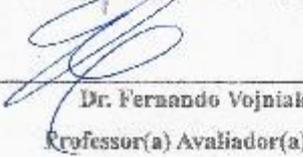
Dr. Ricardo Machado

Professor(a) Orientador(a)



Dr. Eduardo Gomes Silva

Professor(a) Avaliador(a)



Dr. Fernando Vojniak

Professor(a) Avaliador(a)

DEDICATÓRIA

Tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que me sonda em todos os momentos e a Virgem Maria que bondosamente me conserva. Por Eles agradeço todos os demais que me ajudaram até aqui e que, conseqüentemente, terão participação naquilo que ainda virá. Agradeço, sobretudo, meus pais, minha irmã e demais familiares, que ao longo desses cinco anos foram fundamentais, seja no auxílio material ou no auxílio moral, não permitindo que eu desistisse no meio do caminho, me entusiasmando para concluir o curso; o professor Ricardo Machado, que me orientou neste trabalho desde o início, cuja sinceridade e acompanhamento contínuo permitiram um relação amistosa entre aluno e professor, possibilitando a elaboração, conclusão e apresentação do TCC; os demais professores que com maestria exerceram o ofício docente ao longo da graduação; os professores do Ensino Fundamental e Médio, que despertaram em mim o interesse pela docência e pela História; os amigos que fizeram e fazem parte da minha vida, pois estiveram comigo nos momentos de alegria e de tristeza, ornando minha existência; os Padres que prestaram seu apoio espiritual, aconselhando-me e guiando-me em cada circunstância da minha vida; todas as outras pessoas, mesmo aquelas que já não estão no meio de nós, que de uma forma ou de outra passaram por mim e deixaram marcas no meu passado e presente. Obrigado!

RESUMO

Na presente monografia analisa-se as correspondências trocadas por Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade, no período que vai de 1924 até 1945. A pesquisa tem por foco de investigação o conteúdo epistolar que contém o debate entre os dois intelectuais brasileiros sobre o nacionalismo. Para isso, a fonte da pesquisa são as cartas transcritas e compiladas no livro *Carlos & Mário* (2002), organizado por Lélia Coelho Frota. Buscamos em nossa análise identificar essas discussões entre as cento e sessenta e uma correspondências, problematizando o papel que elas tiveram na engrenagem epistolar e como os “curtos-circuitos” foram fundamentais no estabelecimento da troca de missivas entre Carlos e Mário.

Palavras-chave: História das Correspondências. História dos Intelectuais. Modernismo. Carlos Drummond de Andrade. Mário de Andrade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carta de Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade (28/10/1924).....	30
Figura 2 - Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade (10/11/1924).....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 “NACIONALISMO QUER SIMPLEMENTE DIZER: SER NACIONAL.”	14
2.1 AS CORRESPONDÊNCIAS E O MOVIMENTO MODERNISTA	18
2.2 “NÃO CONFUNDIR COM NACIONALISMO. ALIÁS, VOCÊ SABE DISSO MELHOR DO QUE EU.”	27
3 “CARLOS, DEVOTE-SE AO BRASIL, JUNTO COMIGO.”	31
3.1 O “BRASIL INFECTO”, PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, OS CURTOS-CIRCUITOS E O PROJETO PEDAGÓGICO NACIONALISTA DE MÁRIO DE ANDRADE.....	34
3.2 O NACIONALISMO DE MACUNAÍMA NAS CORRESPONDÊNCIAS	43
3.3 “MÁRIO, PONHA O BRASIL PARA UM LADO”	45
4 CARTAS EM MEIO ÀS REVOLUÇÕES DE 1930 E 1932	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Planalto, 26 de outubro de 2020

Caro (a) leitor (a);

Não poderia esquecer-me de ti na elaboração deste trabalho, que mui honradamente vos entrego. Sim, porque este trabalho é muito mais seu do que meu, embora, ao escrever esta carta introdutória, a faço sozinho, num diálogo solitário. O trabalho, no entanto, não o escrevo com o intuito de mantê-lo sobre meus domínios, senão abri-lo para o seu conhecimento. E, para que melhor se inteire sobre o conteúdo, escrevo-te esta carta como *introito* ao que se seguirá. Afinal, será uma introdução muito peculiar em seu formato, mas a faço por todos os epistológrafos.

Poderia você, então, analisar minha carta como um documento com traços biográficos. E por que não? O fato de abrir-me informalmente já registra minhas motivações interiores, ajudando a compreender a elaboração do trabalho. Poderias dizer que a carta tem traços de bastidores, e tem mesmo, pois deixo registrado as minhas estratégias de elaboração do documento e como gostaria que fosse analisado, o que pode se confundir com outro elemento que tenhas em mente ao ler esta carta: um arquivo de criação, já que tens um mapeamento geral daquilo que fiz no trabalho.

Talvez, ao consultar este trabalho, tu estejas na escola, ou na universidade, ou já tenhas concluído o ensino superior. De todo modo, provavelmente sabes que para a conclusão de uma graduação, exige-se a entrega de um Trabalho de Conclusão de Curso (conhecido vulgarmente como TCC). Pois bem, é disso que se trata o documento “anexado à carta”, resultado de três semestres de pesquisa.

No primeiro semestre me dediquei à definição de um tema que viria pesquisar. Confesso que não foi uma etapa fácil, pelo contrário. Detive-me em outros temas antes de fazer a escolha definitiva. Primeiramente, porém, cogitei usar cartas como fonte da pesquisa. Foi então que, juntamente com o professor Ricardo Machado, defini as cartas trocadas por Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade como fonte para o trabalho. Elas estavam acessíveis, transcritas e compiladas em um livro, o que facilitaria o ofício do historiador no que se refere

ao acesso às fontes. Todavia sempre há um porém: não dominava no conhecimento dos personagens envolvidos por trás das letras das missivas, muito menos no contexto em que eles estavam inseridos. Foi fundamental, portanto, uma leitura preliminar sobre Mário de Andrade, um modernista paulista nascido em uma família católica e que precocemente faleceu aos 51 anos, no ano que terminava a II Guerra Mundial; e sobre Carlos Drummond de Andrade, mineiro que marcou a poesia da segunda geração modernista e que teve a oportunidade de viver trinta e três anos a mais que Mário, falecendo em 1987.

Mas retornando ao trabalho, saliento outra etapa da elaboração. Para isso, utilizo-me do conceito “paradigma indiciário”, de Carlo Ginzburg. Ginzburg relaciona a história e outras disciplinas, ou até mesmo profissões (como a de um detetive), com a prática de rastrear sinais, sem captar o todo, para compreender a integridade. Imagine que você, leitor, é um detetive e foi convocado à uma cena de crime. Lá você se depara com uma casa revirada, moveis ao chão, estilhaços de vidro e um corpo. Muito bem, você está diante do crime, mas seu trabalho ainda não começou. O seu papel, *Mr. Sherlock Holmes*, é se indagar, fazer perguntas, para chegar à solução do mistério, já que, até o momento, você apenas tem pistas do crime, indícios, sinais, e precisará de uma longa investigação para chegar à conclusão. Esse procedimento faz-se presente por excelência no ofício do historiador, visto que ele lida, temporalmente, com algo que não está acessível senão por fragmentos, vestígios e restos do passado. Pois foi essa a próxima etapa que tive de cumprir após ter em mão a cena do crime, ou melhor, o objeto de pesquisa: problematizei.

Optei por problematizar um aspecto em particular nas correspondências: o nacionalismo. Sabendo que o Movimento Modernista preocupava-se com o Brasil e que o nacionalismo manifestava-se dentro do Movimento das mais diversas formas, a primeira pergunta foi se este nacionalismo se manifestaria nas discussões epistolares de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Outrossim, quero alertá-lo de antemão: quando refiro-me ao nacionalismo, não estou falando apenas de política, partido, ou discurso de algum espectro político. Relato sobre algo mais amplo: a identidade nacional; a cultura; o brasileiro. Sobre o nacionalismo você também verá no capítulo 1 do trabalho.

Iniciava-se, portanto, a investigação, que requeria um conhecimento das fontes.

E as li.

E as fichei.

No total, cento e sessenta e uma cartas transcritas, trocadas por Mário e Carlos por um longo período, que inicia-se em 29 de outubro de 1924, ano em que os dois se conheceram, até fevereiro de 1945, dois dias antes da morte de Mário de Andrade. Isso tudo está organizado no livro “Carlos & Mário”.

O trabalho esmiuçará carta por carta, como uma descrição do que cada uma contém. Pelo contrário, o fichamento ajudou-me filtrá-las para saber em que cartas há discussões sobre o nacionalismo.

Continuando sobre o processo de elaboração do trabalho: foi necessário realizar um levantamento bibliográfico para adquirir conhecimentos que embasariam a pesquisa. E o fiz por segmentos: Modernismo e Nacionalismo; obras literárias (de Mário e de Carlos); e cartas. Assim, para cada área elenquei livros e artigos que serviriam como apoio. Imagine você uma pessoa idosa que, para prosseguir na caminhada, necessita de uma bengala. Na pesquisa, para sustentar o que é analisado e continuar em frente, é necessário um apoio que embasa tudo o que aqui for escrito.

Como antecipação, já lhe disse que o primeiro capítulo consta o nacionalismo e modernismo, pois será um capítulo de contextualização. O segundo capítulo, por sua vez, será a análise das cartas, focando, como também já mencionei, as discussões nacionalistas. Haverá ainda um terceiro capítulo em que analiso, especificamente, o debate sobre o Brasil no contexto das revoluções de 1930 e 1932. Por fim, as considerações finais.

Penso que esta carta serviu para inserir você no ambiente epistolar, tornando-o participante desta análise que farei. Quero que acompanhe comigo esta aventura de investigação que adentrará na intimidade de duas personalidades marcantes do século XX. Não me deixe ousar sozinho nesta empreitada. Ouse comigo. Seja curioso e meta-se nas correspondências. Talvez isso desperte em você uma paixão tão avassaladora pelos meandros epistolares que queiras mais e se interesse mais pelas cartas. Até porque se você é alguém que, como eu, cresceu em uma sociedade que já vivia o processo de desenvolvimento tecnológico, em que os computadores e telefones já ganhavam espaço, provavelmente não utilizou-se de cartas para comunicação. Confesso que nem mesmo eu fiz disso um hábito, apoiando-me nas cartas apenas para mandar algum cartão comemorativo aos familiares distantes, não tanto por necessidade, mas por charme. E convenhamos: receber uma carta de aniversário é muito mais entusiasmante do que uma mensagem por *Whatsapp*.

Quem sabe não seja você um epistológrafo? Já tentou? Não? Então faça como eu e aventure-se nesse espaço íntimo dividido por dois ou mais.

Esta informalidade, leitor(a), que ousadamente travei com você pela carta introdutória, antecedeu o trabalho, que terá espaço a partir de agora.

Desejo uma boa leitura.

Igor.

2 “NACIONALISMO QUER SIMPLEMENTE DIZER: SER NACIONAL.”

Nas próximas páginas será exposta a pesquisa que se estendeu por semestres. Evoca-se, de imediato, os dois personagens que serão protagonistas no decorrer deste trabalho e que serão conhecidos por uma perspectiva diferente ao adentrar em suas correspondências. Mas para chegarmos lá, é preciso passar por um trajeto que se inicia muito antes, embora se inicie com eles mesmos. Foi utilizado, para isso, um trecho do poema *Hino Nacional*, de Carlos Drummond de Andrade, e um trecho de uma correspondência enviada a Carlos, em 1924 (sem data), mas escrita por Mário de Andrade.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
 Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,
 ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.
 O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
 Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.
 Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?¹

Primeiro: não existe essa oposição entre nacionalismo e universalismo. O que há é mau nacionalismo: o Brasil pros brasileiros – ou regionalismo exótico. Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional². (Mário de Andrade em carta a Carlos D. de Andrade em 1924).

Se faz necessário começar de forma muito conceitual. Separa-se, portanto, uma palavra do título desta pesquisa para que seja possível destrinchar o trabalho. A palavra é nacionalismo.

Ao evoca-la, é provável que, de imediato, ressoe na mente alguns vultos da história, como Adolf Hitler e Benito Mussolini num extremo, Stálin e Fidel Castro por outro lado, e porque não Getúlio Vargas se pensarmos o caso brasileiro. O que eles tem em comum, além do sangue vertido em suas pátrias, é de serem personalidades do século XX com discursos nacionalistas.

No contexto dos agentes políticos elencados acima, o nacionalismo torna-se um conceito pejorativo. É incitado, geralmente, para a exaltação de um grupo contra os inimigos,

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Hino Nacional**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/5668/hino-nacional>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

² FROTA, Lélia Coelho (Org.) **Carlos & Mário**: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002. p. 70.

como bem explana Vladimir Tismaneanu em seu livro “O Diabo na História”³. Apela-se a instintos primários de unidade e identificação, com estrangeiros vistos como desestabilizadores, sendo constantemente demonizados e transformados em bodes expiatórios⁴. Esses discursos não se restringem à preservação da identidade étnica, mas reinventam a mitologia histórica, ou, como diria Hobsbawm, citado na obra de Tismaneanu, “reinventam continuamente a tradição”⁵.

Nacionalismo⁶ deriva das raízes *gen*, nascer ou fazer gerar, e *natus*, que é filho. De tais raízes procederam as palavras *natio*, *nationis* e *nativus*. Do latim, *natio* define um grupo de homens que derivam de uma origem comum, ou seja, percebe-se uma consciência de pertença. Pode ser definido ainda como corrente de pensamento e um sistema de atitudes que referem-se à comunidades “à qual se pertence de maneira prioritária, em função de critérios materiais (o solo, o território) ou culturais (a história comumente partilhada) e com a qual se tem o sentimento de identificar-se”⁷.

Para Stuart Hall, em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”⁸, são as culturas nacionais que se impõem como uma das principais, senão a principal fonte de identidade cultural:

Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial⁹.

Hall continua a explicar que só é possível saber o que significa ser inglês, ou no nosso caso o que significa ser brasileiro, devido ao modo como a “inglêsidade” – troque a palavra, leitor, por brasilidade – veio a ser representada pela cultura nacional.

Stuart Hall explica que a nação não é observável apenas como entidade política senão também como algo que produz sentidos através de um sistema de representação cultural:

As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma

³ TISMANEANU, Vladimir. **O Diabo na História**: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

⁴ Ibid, p.299.

⁵ Ibid, p.299.

⁶ NACIONALISMO. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/nacionalismo>>. Acesso em: 30 out. 2019.

⁷ Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/praxis/482/5023019-DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2019.

⁸ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

⁹ Ibid, 2006, p. 47.

comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade [...]”¹⁰.

Assim, as culturas nacionais são uma forma moderna, já que essa lealdade e essa identidade eram remetidas, numa era pré-moderna e/ou sociedades tradicionais, às tribos, povos, regiões e religiões. Aos poucos foi emergindo, no ocidente, a cultura nacional¹¹. Para Benedict Anderson¹² essa transição é marcada principalmente no século XVIII, florescer da era do nacionalismo e crepúsculo dos pensamentos religiosos, que por muito tempo justificaram a identidade de grupos humanos¹³. Anderson alinha o nacionalismo “não à ideologias politicamente conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los”¹⁴. O nacionalismo torna-se uma força que impulsiona a organização de um povo tendo o ideal de nação como destaque, mas aglutinando diferentes religiões, tradições, etnias, etc¹⁵.

Hobsbawm afirma que a palavra “nacionalismo” passou a ser usada igualmente para todos os movimentos que consideravam a causa nacional como de grande importância política, aqueles que defendiam o direito de formar um Estado independente, destinado a um grupo nacionalmente definido. O autor afirma que a base dos nacionalismos de todos os tipos era igual, ou seja, a identificação emocional com sua nação¹⁶.

Se observarmos a história do Brasil perceberemos que o movimento de identificação com o ser brasileiro é relativamente recente e, talvez, não bem consolidado. Carlos Lessa¹⁷ evidencia que a mentalidade das elites dos tempos do Império estavam voltadas à Europa e que isso permaneceu até as primeiras décadas da República Velha, não alimentando a pretensão de originalidade e nem renegando a sua gênese, o que facilitaria, posteriormente, a incorporação da cultura popular.¹⁸

Culturalmente, o Brasil foi sempre aberto a toda e qualquer contribuição cultural e sua criatividade reside na mistura de estilos. Sem arrogância, assume qualquer criação como derivada de matriz forasteira assimilada. A bossa nova se considera filha do *jazz*

¹⁰ HALL, 2006, p.49.

¹¹ *Ibid*, p. 49.

¹² ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Tradução de Denise Bottman.

¹³ *Ibid*, p.38.

¹⁴ ANDERSON, *op. cit.*, p. 39.

¹⁵ ESTEVÃO, Bruna; CRUZ, Eduardo da; MOCHENSKI, Franciane, O Espelho de Machado de Assis refletindo um nacionalismo brasileiro “autêntico”, **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 23/24, p. 20–32, 2009.

¹⁶ *Ibid*, p. 22.

¹⁷ LESSA, Carlos, Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira, **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 237–256, 2008.

¹⁸ *Ibid*, p.248.

e claramente tem uma musicalidade única. Na gastronomia, o Brasil pratica a metamorfose: o *cheeseburger* do *fast food* se converteu no engenhoso em montar e trabalhoso em comer X-Tudo, que incorpora o importado e o transcende. O canibal metamorfoseado do indianismo brasileiro inspirou a idéia de um Brasil canibal, que culturalmente tudo digere, e produz, dinamicamente, sua civilização como resultado do ingerido. A figura de Macunaíma, pensada como a entidade brasileira, por Mário de Andrade, resenha e projeta nossa cultura antropofágica¹⁹.

Esse antropofagismo permitiu uma adaptação após a Primeira Grande Guerra. Com a Europa devastada, os olhos dos intelectuais brasileiros se fixam no Novo Mundo. Os padrões norte-americanos começaram a influenciar o Brasil. Todavia, em território nacional, iniciou um movimento “introspectivo de pesquisa, leitura, análise e valorização do povo, sua cultura, seus mitos e suas formas de sobreviver”²⁰. A construção do nacionalismo brasileiro passa a ser através da descoberta do povo, o que proporciona a emergência da literatura regional e um esforço para retratar as variedades culturais e regionais.

É necessário ainda contextualizar o cenário político. Continua-se com Lessa para retratar a ascensão do militarismo à burocracia após o fim do Império²¹. Para Lessa o povo não foi o protagonista da consolidação republicana, mas não permaneceu passivo, levantando-se em greves, motins, e na participação partidária, como por exemplo na fundação do Partido Comunista Brasileiro²². A partir desse momento começa um movimento oficial da elite republicana para apagar o passado monarquista e apresentar um novo Brasil, um novo nacionalismo.

Carlos Lessa aborda ainda os aspectos econômicos desse período:

Do ideal do progresso, nessa primeira versão, se deriva um nacionalismo econômico como doutrina que principaliza o desenvolvimento industrial e urbano. Desde logo, foi colocada a acusação que as potências ou vetavam ou eram indiferentes ao sonho do desenvolvimento industrial. Em resumo, esse nacionalismo não era contra a filial estrangeira, deplorava a sua ausência e preconizava a ação do Estado, fomentando a empresa nacional como alternativa. A idéia de um projeto nacional que assumisse essa diretiva exigia o reforço do poder central do Estado como delineador do futuro e instrumentalizador das ações e, se necessário, substituísse a iniciativa privada tímida²³.

Com a crise de 1929 o discurso muda e passa-se a acusar as filiais estrangeiras de “debilitarem a situação externa do Brasil com as remessas de lucros e dividendos, com a

¹⁹ LESSA, 2008, p.250.

²⁰ Ibid, p.250.

²¹ Ibid, p.252.

²² Ibid, p.252.

²³ Ibid, p.254.

ausência de esforço exportador e pouca pesquisa tecnológica e científica no Brasil”²⁴. Essa nova roupagem nacionalista deu base a uma significativa mobilização nacional a favor do monopólio estatal de petróleo e derivados²⁵.

Para-se por aqui a conceitualização do termo nacionalismo e na contextualização do nacionalismo brasileiro do início do século XX – por enquanto. Apesar de ser uma peça-chave na análise da pesquisa, o objeto vai além dele e procura-se evidenciar isso: há muitas formas de se ver e de se trabalhar o nacionalismo. Todavia, enquanto a história analisa o nacionalismo como um processo de construção político e simbólico, na história observada principalmente no senso comum, o nacionalismo é costumeiramente observado de forma superficial nos grandes marcos políticos e econômicos, discursos de estadistas, vitórias e derrotas após conflitos, ou até mesmo nas interpretações de intelectuais em suas obras, seja pela exaltação literária ou poética, seja por uma análise daquilo que é público, como os grandes processos que alteram o curso da trajetória da humanidade. O que se propõe aqui, no entanto, é olhar uma discussão sobre o nacionalismo em outro campo. Um campo íntimo. Como se adentrássemos escondidos em um escritório, abrísssemos uma gaveta da escrivaninha e pegássemos uma carta escrita por alguém e endereçada a um terceiro. Rompendo o frágil selo que mantinha o conteúdo em segredo no envelope, fitássemos os olhos no escrito e participássemos do diálogo mantido privado por dois sujeitos. Portanto, o que se propõe é analisar o nacionalismo a partir das correspondências.

2.1 AS CORRESPONDÊNCIAS E O MOVIMENTO MODERNISTA

Geneviève Haroche-Bouzinac²⁶, ao retratar a história da escrita epistolar, diz que na Idade Média a carta, “como na Antiguidade, tinha principalmente, e por essência, uma função de representação *quase inter praesentes* (assim como entre pessoas presentes) bem como de desejo de real comunicação”²⁷. As cartas seguiam então um ordenamento: *salutatio* (saudação), *benevolentiae captatio* (obtenção de simpatia), *narrativo* (narrativa), *petitio* (pedido), *conclusio* (conclusão)²⁸. Tal ordenamento deve-se pelo fato de haver uma influência de parâmetro de natureza estética, em outras palavras, uma imitação. “Os epistológrafos reconhecem e designam

²⁴ LESSA, 2008, p. 254.

²⁵ Ibid, p.254.

²⁶ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. São Paulo: EdUsp, 2016. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira.

²⁷ Ibid, p. 27 et seq.

²⁸ Ibid, p.33.

textos canônicos, que fazem papel de faróis para grupos específicos de epistológrafos em períodos definidos”²⁹.

Todavia, sendo a carta um texto híbrido e rebelde como define Bigitte Diaz³⁰, está passível de transformações. Se no século XVII ela esteve inserida num estilo médio, em meados do mesmo século ela refletiu a alma, como um espelho. “Representam o rosto de nosso corpo e aquelas revelam nossa alma”³¹. Assume assim uma concepção mais livre, rompendo com o modelo erudito preso às formalidades dos textos tidos como canônicos como estilo, em nome de sua pluralidade. Com isso, a carta “origina-se em uma verdadeira subjetividade; é a expressão liberta da preocupação de excelência retórica de uma pessoa e não mais a execução estabelecida de um discurso social ou institucional”³².

Como observação é salutar evidenciar, nesses períodos da história, a participação do secretário, pessoa responsável por redigir a carta ou escrever a carta ditada. Posteriormente, essa palavra designaria o móvel em que empenha-se o ofício de redigir as cartas³³. Outrossim, na medida em que a civilidade, ou seja, as formas de bem conviver educadamente, seja no vestir, falar ou comportar-se, também chegaram na escrita epistolar, a palavra “secretário” passou a definir os manuais próprios para quem quisesse praticar a arte de escrever cartas³⁴.

Retornando ao estilo da escrita, se indagou se a escrita da carta, por seguir durante muito tempo um estilo definido, não estaria sendo presa à armadilhas teóricas. No século XIX muitos epistológrafos viram na carta apenas um discurso vendido a todos os lugares-comuns³⁵.

Posteriormente a carta assume outro gênero textual: o da conversação. Os eruditos deixam o campo epistolar para a chegada do reino dos mundanos. Como exemplo disso, Brigitte Diaz cita o caso de mulheres comuns, em que o “gênero epistolar permanecerá a única tribuna acessível, a meio caminho entre o espaço fechado da família, no qual estão confinadas, e a cena pública onde a tomada da palavra ainda lhe é proibida”³⁶. Nessa sociabilidade mundana, a carta

²⁹ HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 29.

³⁰ DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade**: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. São Paulo: Edusp, 2016.

³¹ Ibid, p.16.

³² Ibid p.17.

³³ HAROCHE-BOUZINAC, op. cit., p. 77.

³⁴ QUEIROGA, Socorro; BARBOZA, Kaline Gonzaga. O Manual Novo Secretario Portuguez ou Código Epistolar anunciado nos jornais oitocentistas: a circulação do ensino de civilidade na província da Paraíba. **Revista de História e Estudos Culturais**, S.i, v. 14, n. 1, p.1-18, 2017. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/artigo_15_secao_livre_Socorro_Queiroga_e_Kaline_Gonzaga_Barbosa_fenix_jan_jun_2017.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

³⁵ DIAZ, op. cit., p.23.

³⁶ Ibid, p.26 et seq.

torna-se um espaço de ligação para grupos, partidos ou um salão. Na mesma época surgiriam manuais de conversação, constituindo-se a “propedêutica para a arte da carta”.³⁷

Nos séculos XVIII e XIX as cartas sofreram suas principais mudanças. Os epistológrafos colocam-se contra as normas e modelos enunciativos, contra a disciplina social e a ideológica que esses modelos epistolares impõem insidiosamente. Há uma nova divisão entre o social e o individual, o coletivo e o íntimo. A carta torna-se “uma tela que isola os bastidores privados do prosclênio público; mas é também um cofre que protege a palavra das vilezas de uma socialidade alienante”³⁸.

É interessante observar como algumas características das cartas podem nos dizer muito sobre elas. Geneviève Haroche-Bouzinac evidencia que manter uma regularidade na troca das correspondências contribui para facilitar a relação e propicia uma margem maior de manobra em detrimento de um contato viva voz³⁹. Além disso, cartas mais extensas costumam ser dirigidas quando a motivação for amor ou amizade mais estreita⁴⁰. As correspondências de amor e de amizade

possuem uma temática similar: notar-se-á a importância da afirmação do sentimento, a declaração, a expressão da falta e da ausência, a certeza do apoio, a simpatia por ocasião das provações, o relato das notícias, as informações médicas, o pedido de mimos, o desejo de receber uma resposta e a expressão de sua espera, a crítica pelo silêncio, a recomendação de confiabilidade, a encenação do recebimento⁴¹.

Voltando às transformações e para melhor compreendê-las, Diaz nos faz refletir acerca da palavra intimidade. Se no século XVII a palavra “íntimo” caracterizava uma afeição entre dois seres, no século XIX definirá como aquilo que é interior e profundo⁴². A escrita epistolar torna-se então extremamente íntima, apresentando-se aos “narcisistas epistológrafos como o instrumento acessível de uma captura de si”⁴³. A noção de intimidade deixa de estar intrinsecamente ligada a uma relação dual e refere-se “à densidade da relação que podemos manter conosco e à profundidade confusa de um eu que não se pode definir”⁴⁴. A escrita da carta torna-se então um importante meio para a captura de si. Torna-se um diário a quatro mãos, mas ao contrário do diarista, “o epistológrafo não é um ruminante. [...]. Ao contrário, a escrita

³⁷ DIAZ, 2016, p.31.

³⁸ Ibid, p. 36.

³⁹ HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.41.

⁴⁰ Ibid, p.83.

⁴¹ Ibid, p.100.

⁴² DIAZ, op. cit., p.37.

⁴³ Ibid, p.41.

⁴⁴ Ibid, p.37-38.

irrompe, de modo brutal em sua existência, inteira e aparentemente subordinada ao único desejo de comunicação”⁴⁵. É, portanto, no século XIX que a carta abandona sua antiga função de sociabilidade mundana para entrar no campo íntimo. Da pedagogia social para uma pedagogia de si.

Ultrapassando muito os limites do discurso epistolar, ela encadeia não só anedotas biográficas, mas também exames de si, reflexões filosóficas, envios de poemas e comentários literários; mestiçagem enunciativa que faz da carta um objeto textual muito particular, assemelhando-se ao mesmo tempo com o ensaio, o diário e a confissão⁴⁶.

A missiva, como um ego-documento, passa a servir a história de si, uma reflexão para pensar-se interiormente, mas também uma produção de si. “A carta aparece para ele tanto como um testemunho a ser explorado quanto um material poético a ser trabalhado para alimentar a sua própria mitologia, sua mito-história”⁴⁷. Para Haroche-Bouzinac, a carta pode então parecer-se com um teatro, “não só na sua forma dialogada, pelas vozes que permite ouvir, como também na encenação de si por si, no exagero e exaltação empregados principalmente nas formas líricas do monólogo em que a paixão cai na própria armadilha”⁴⁸.

A carta liberta-se progressivamente do universo da sensibilidade para impor-se como “instrumento de um pensamento dialógico em contato com o mundo. [...]. Desde a reflexão moral até a crítica literária, passando pela introspecção autobiográfica, não existem campos que a sonda epistolar não se dê ao trabalho de explorar”⁴⁹.

Pensando na volatilidade da função das cartas, Marcos Antonio de Moraes⁵⁰ nos orienta no olhar sobre as correspondências trocadas por intelectuais. Para ele há três perspectivas de estudo. A primeira perspectiva é de “recuperar na carta a expressão testemunhal que define um perfil biográfico” em que as confidências e impressões do intelectual “contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra”⁵¹. Para Brigitte Diaz, o documento assemelha-se com o ensaio, o diário⁵² e a confissão,

⁴⁵ DIAZ, 2016, p.81.

⁴⁶ Ibid, p.81.

⁴⁷ Ibid, p.93.

⁴⁸ HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 136

⁴⁹ Ibid, p.45 et seq.

⁵⁰ MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 1, p.30-32, 2007.

⁵¹ Ibid, p.30

⁵² Em artigo, Diaz (2014) ressalta que muitas vezes a carta toma corpo de diário. Embora o documento é dirigido para alguém, o autor escreve sobre si mesmo. Outros escrevem o diário como se destinassem a escrita para alguém. Em ambos os casos ressalta-se a escrita de si, o que caracteriza esses documentos no século XIX. Ou seja, tanto a carta como o diário expõe o interesse do sujeito por si mesmo, sendo que no caso da carta, particularmente, o

tornando-se um “ego-documento, próprio para servir a essa história de si que sempre se esboça quase nitidamente no horizonte da prática epistolar”⁵³. Neste caráter autobiográfico, “o epistológrafo começa a ‘pensar-se interiormente’”⁵⁴. Na busca ontológica, Diaz ressalta a atuação do destinatário, que desempenha papel importante desse trabalho de si empenhado pelo epistológrafo, cabendo ao destinatário participação ativa. Diferente do diarista que desempenha papel solitário, o epistológrafo abre-se à intervenção do outro, aguardando “uma avaliação, assentimento ou condenação, pouco importa, desde que um outro venha submetê-los a seu olhar e sua escuta”⁵⁵.

Um segundo viés de estudo das cartas de intelectuais é o que captura o movimento dos bastidores da vida artística. A partir disso perceber as “estratégias de divulgação de um projeto estético, as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena artística”, ou seja, a produção de livros, exposições e demais categorias, “tem raízes profundas nos ‘bastidores’, onde, muitas vezes, situam-se as linhas de força do movimento”⁵⁶.

Por fim, o terceiro modo de se estudar as correspondências dos intelectuais se dá pela observação da carta como “arquivo de criação”⁵⁷, quando se observa o gênero epistolar como espaço em que “se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração”⁵⁸. Assim, as cartas podem ser observadas como um “laboratório de criação e de crítica”⁵⁹. Diaz vai além, ao afirmar que “se a correspondência, enquanto laboratório crítico, participa da gênese de uma estética, e indiretamente da gênese das obras” as cartas contribuem também “para a gênese de um ‘ser escritor’. Rascunhos da obra, mas também ‘rascunhos de si’ como escritor [...]”⁶⁰.

reflexo de si próprio complica-se com o olhar do outro. “Em outras palavras, ela não é um simples reflexo de si que se oferece para captar o olhar fascinado daquele que convocamos para este fim, mas, sim, o processo de escrita pelo qual o sujeito se produz, registrando a presença e o peso de outrem na constituição de sua identidade” (DIAZ, 2014, p. 239).

⁵³ DIAZ, 2016, p.89.

⁵⁴ Ibid, p.90.

⁵⁵ Ibid, p.150

⁵⁶ MORAES, 2007, p.30.

⁵⁷ Ainda para Moraes (2007), a carta como arquivo de criação pode proporcionar importantes elementos como fonte primária para quem estuda literatura bem como outras artes, além de fornecer subsídios para as percepções teóricas da crítica genética.

⁵⁸ Ibid, p.30.

⁵⁹ Ibid, p.59.

⁶⁰ DIAZ, op. cit., p.240 et seq.

Todavia o campo de estudo da História das Correspondências ainda é algo novo e que muito precisa ser explorado. No Brasil essa área avançou recentemente em que o mercado editorial vem alimentando o público com coletâneas de cartas particulares envolvendo intelectuais, pintores, poetas, etc. Gradualmente o estudo das correspondências vem ocupando, no País, um espaço singular, pois a maioria das discussões sobre a epistolografia “encontram-se excessivamente coladas às teorias construídas para outros artefatos autobiográficos, como os diários e os livros de memórias”⁶¹.

Dentre os intelectuais que possuem vasto acervo epistolar estudado está Mário de Andrade, famoso escritor reconhecido como uma das lideranças do Movimento Modernista. Antes de falarmos sobre Mário, iremos expor, de forma sucinta, o que foi o Modernismo brasileiro.

O início do século XX no Brasil que caracterizou-se por intensas transformações no campo literário, foi drasticamente marcado por mudanças no campo político e, como explica Marcia Regina Jaschke Machado⁶², essas transformações se interligam. As mudanças políticas no País, principalmente a Revolução de 1930, foram não apenas um marco histórico, mas também uma forma de catalisar as evoluções do cenário brasileiro que “foram impactantes para a vida social do país, com consequências no meio intelectual” e possibilitaram a emergência de uma condição para a realização, difusão e normalização de aspirações e inovações geradas no decênio de 1920⁶³.

As causas das mudanças, para o modernista Mário de Andrade⁶⁴ (em publicação de 1942), teriam sido as transformações mundiais, como o enfraquecimento gradativo dos impérios e a atualização dos ideais políticos na Europa, que somado ao desenvolvimento de consciência na América e no Brasil, canalizavam para a criação de nova mentalidade, num processo de revisão e até mesmo de criação da inteligência nacional, estabelecendo uma “fase de transição”⁶⁵.

⁶¹ LIMA, Kleverson Teodoro de. Cartas, História e Linguagem. **Revista de Teoria da História**, S.i, p.210-225, jun. 2010.

⁶² MACHADO, Marcia Regina Jaschke, Considerações sobre a formação do Modernismo brasileiro, **Remate de Males**, p. 31–50, 2013.

⁶³ Ibid, p.31.

⁶⁴ ANDRADE, Mário de. **O Movimento Modernista**. S.I: Oca Editorial, 2018.

⁶⁵ Ibid, p.42.

Para Hélio Silva⁶⁶, o cenário específico brasileiro não pode ser esquecido, com os processos sociais, industriais e urbanísticos que impulsionavam uma pluralidade nacional, com potencial de desagregar, evidenciando que a Nação necessitava de um marco de referência para a compreensão do momento e a preparação do Brasil para o moderno⁶⁷.

De acordo com Rita de Cássia Martins Oliveira⁶⁸, essas intensas mudanças internas no País, mas também transformações externas, foram forças propulsoras para a consolidação do Movimento Modernista. “O crescente ritmo de industrialização por que passava o país, sobretudo a cidade de São Paulo e as novidades culturais que chegavam ao Brasil pelo Rio de Janeiro, foram seus primeiros agulhões”⁶⁹.

Contudo as revoluções não ficaram restritas aos aspectos políticos e econômicos. A cultura também foi um campo profundamente abalado pelas transformações. Naquele contexto, intelectuais brasileiros voltaram o olhar para as vanguardas europeias que carregavam consigo novos ares, marcados pela liberdade de criação, rompimento com o passadismo, expressão da subjetividade e até mesmo irracionalismo⁷⁰. No Brasil, uma parcela intelectualidade nacional, “com destaque para Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade e Luís Aranha, em São Paulo, intencionava a reinvenção do cenário literário; por isso, investiu, de forma enérgica, na conquista de espaços de atuação nesse meio e, ao mesmo tempo, de visibilidade pública”⁷¹. Parte dos pensadores incorporaram o espírito das vanguardas europeias e importaram as tendências pela profunda mudança cultural brasileira naquele período⁷².

Contudo, no início da tentativa de implementar em *terra brasilis* àquilo que acontecia na Europa, os intelectuais modernistas depararam-se com gostos já enraizados e que prevaleciam no cenário cultural, como o parnasianismo⁷³. Com tal contexto conflituoso, a imprensa tornou-se um meio para a difusão dos novos ideais. Iniciou-se o que poderíamos caracterizar como um movimento de ocupação de espaço com a finalidade de propagar o pensamento dos ideários modernistas. Jornais como *A Gazeta*, *Jornal do Commercio* e *Correio*

⁶⁶ SILVA, Hélio R. S., Modernismo e identidade nacional: algumas considerações, **Estudos Ibero-Americanos**, v. 26, p. 81–93, 2000.

⁶⁷ Ibid, p.83.

⁶⁸ OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins, Breve Panorama Do Modernismo No Brasil – Revisitando Mário E Oswald De Andrade, **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 8, n. 11, p. 82–95, 2012.

⁶⁹ Ibid, p. 83.

⁷⁰ OLIVEIRA, 2012, p.84.

⁷¹ MACHADO, 2013, p. 34.

⁷² OLIVEIRA, op. cit., p.84.

⁷³ MACHADO, op. cit., p.34.

Paulistano cederam espaço para escritores de diversas vertentes estéticas, o que instalou um grande embate por meio das colunas desses jornais, que se transformaram em espaços de enfrentamentos. Desse modo, opondo-se ao incipiente movimento modernista, manifestavam-se os que se colocavam em defesa do parnasianismo, ou que apenas estivessem em desacordo com os projetos inovadores⁷⁴.

Os que se opunham ao modernismo criticavam o que viam de semelhança com o Futurismo italiano, o que de fato fazia sentido num primeiro momento em que as manifestações modernistas eram relacionadas com o Futurismo de Marinetti⁷⁵. “A polêmica exposição de Anita Malfatti, em 1917, antes mesmo da Semana de Arte Moderna, dava mostras do conturbado período pelo qual passaria a nossa cultura”⁷⁶. Malfatti foi duramente criticada por Monteiro Lobato em artigo do jornal *O Estado de São Paulo* em 1917. Lobato criticara a visão anormal da natureza por certos artistas, que interpretaram-na com base em efemeridades e escolas rebeldes, caracterizando-os como resultados de uma produção cansada e decadente⁷⁷. Apesar das duras críticas, Lobato não conseguiu abafar o Modernismo, mas sim distanciar-se no movimento que estava começando.

Em 1922 com a realização da Semana de Arte Moderna é de se imaginar que os debates tenham escalado ainda mais. Na defesa dos Modernistas, não raras vezes utilizavam o termo futurismo para autodefinirem-se⁷⁸.

Existiam, todavia, os que buscavam deslocar-se do rótulo “futurista”. Mário de Andrade, ao ser convidado pelo jornal *A Noite*, em 1925, para indicar colaboradores para uma seção intitulada “Mês Futurista”, recusou e apelou que fosse mudado para “Mês Modernista”⁷⁹. Antes disso, em 1922, Mário de Andrade lançava *Pauliceia desvairada* que retratava a realidade paulistana no início do século XX. São Paulo, que se transformava progressivamente no centro agroindustrial do Brasil, tornando-se sinônimo de progresso, abrigou a Semana de Arte

⁷⁴ MACHADO, 2013, p.34-35.

⁷⁵ *Ibid*, p.35.

⁷⁶ OLIVEIRA, 2012, p.83.

⁷⁷ *Ibid*, p. 84.

⁷⁸ Como fez Menotti del Picchia: “O futurismo nacional, filho legítimo de São Paulo, vai ter sua consagração em São Paulo. Pela primeira vez, alguém foi profeta em seu país. Quando, pelos jornais, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Hélio iniciavam, com grande celeuma e escândalo, sua batalha contra os passadistas, ninguém supunha que a vitória integral do futurismo paulistano surgisse tão rapidamente. A chegada ao Brasil de Graça Aranha – um grande nome nacional! – sua atuação incansável, seu admirável esforço deram ao movimento paulista um prestígio definitivo: era a aliança da mocidade avanguardista com o que havia de mais representativo e de valor na mentalidade consagrada do Brasil” (BOAVENTURA, 2008, p. 77, apud MACHADO, 2013, p. 36).

⁷⁹ *Ibid*, p.36.

Moderna, ocorrida entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, o que consagrou o Movimento Modernista brasileiro⁸⁰.

Marco inicial do movimento reuniu artistas das mais diferentes áreas com o propósito de modernizar a cultura brasileira. Os desdobramentos da Semana de 22 deram origem a sucessivos movimentos pela liberdade de criação e pela valorização de elementos da cultura nacional. [...] Em linhas gerais, os modernistas propunham a reconstrução da cultura brasileira através da valorização de elementos nacionais partindo de uma revisão crítica do passado nacional, eliminando os recalques da colonização⁸¹.

As mudanças vindas com o Modernismo atualizaram a arte, atingindo a identidade nacional e proporcionando uma nova descoberta e modernização do Brasil e do ser brasileiro. Este nacionalismo tem facetas diferentes: um, de forma crítica, vem alinhado à esquerda; outro, ufanista, é abordado pela direita mais radical. As abordagens de intelectuais para produzir novas representações da nacionalidade ficaram expressas em discussões por meio das crônicas, intensos debates, inúmeras obras e manifestos.

Em 1924, Oswald de Andrade redigiu o Manifesto da Poesia Pau-Brasil. O manifesto, não se desvinculava das raízes nacionais e pregava a libertação da cultura europeia presente no passado do Brasil colônia. “Propunha a exportação simbólica do pau-brasil, nosso mais valioso produto no período colonial, transfigurado em poesia pelas vias do discurso literário”⁸². O cunho nacionalista do manifesto pregava a língua não erudita, mas natural e neológica, sendo assim “um diagnóstico da realidade sociocultural brasileira”⁸³.

Estes movimentos e manifestos que surgem como herança das vanguardas, apesar de serem “ideologicamente antagônicos partiam, de certa forma, de um ponto comum: a valorização das qualidades nacionais para (re)descobrir o Brasil”⁸⁴. O primitivismo do Pau-Brasil e do Manifesto Antropofágico fazia uma absorção crítica da modernidade europeia, associando às características locais, além de contrastar ao Manifesto Verde-Amarelismo, posterior “Escola da Anta”, de cunho excessivamente nacionalista e ufanista, que buscava na tradição indígena “sustentação para suas ideias, voltaram a se alicerçar na ‘cor local’. Em reação ao nacionalismo defendido por Oswald, os verdeamarelistas apontavam, neste, ‘tendências cosmopolitas’, exprimindo um sentimentalismo patriótico, por vezes, empobrecedor.”⁸⁵.

⁸⁰ OLIVEIRA, 2012, p.84.

⁸¹ Ibid, p.84.

⁸² Ibid, p.85.

⁸³ Ibid, p.86.

⁸⁴ Ibid, p.86.

⁸⁵ Ibid, p.86.

Entretanto, foi o Manifesto Antropófago, lançado em 1928, que consolidou os ideais modernistas. “No artigo *Subjetividade antropofágica* Suely Rolnik (2012) define a prática da antropofagia como uma relação de reconhecimento das próprias necessidades e das qualidades de seu semelhante. Na incorporação da essencialidade do outro reside a sua própria renovação”⁸⁶. E era justamente isso que propunha o manifesto, pois estimulava “a relação dialógica e dialética com o outro, o reconhecimento da alteridade e sua incorporação consciente e até mesmo, mais eficiente”⁸⁷. A inspiração para o manifesto veio da pintura a óleo *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Abaporu, em Tupi, significa “o homem que come” – é o Antropófago.

2.2 “NÃO CONFUNDIR COM NACIONALISMO. ALIÁS, VOCÊ SABE DISSO MELHOR DO QUE EU.”

Como fora dito neste trabalho, o Modernismo e as expressões do nacionalismo não se manifestaram apenas no espaço público, mas também na esfera privada através das cartas. Entre os muitos intelectuais modernistas que se expressaram por missivas, destaca-se Mário de Andrade. Para Eduardo Jardim⁸⁸, que o chama de “Papa do Modernismo”, o apoio de velhos e novos amigos foi fundamental para o posicionamento de destaque de Mário de Andrade no modernismo e tais adesões foram conquistadas pelo escritor por meio das cartas. Para isso, contudo, foi necessário passar uma “visão depreciativa da participação de Graça Aranha no movimento modernista”, que também era tido como importante líder, e essa visão “passou a prevalecer desde 1925, por iniciativa de Mário de Andrade”⁸⁹. Para Marcos Antonio de Moraes, nos trabalhos de construção de uma cultura brasileira, Mário de Andrade utilizara, no seu papel de artista e pensador, qualquer meio que lhe fosse vantajoso, incluído as correspondências, para além do seu papel na imprensa e na publicação de livros. Havia em Mário o desejo de ser útil, que se tornaria comum em suas manifestações epistolares, como explica Moraes:

Contudo, a partir de 1923 (e mais ostensivamente depois de novembro de 1924), esse desejo de atuar nos destinos culturais do Brasil ganha novos contornos, com a descoberta de uma estratégia persuasiva nos domínios da epistolografia. A partir desse momento, a correspondência de Mário de Andrade poderá ser interpretada como a prática de um projeto pedagógico inserido no ideário modernista, pois a carta se torna ostensivamente o lugar privilegiado de difusão dos fundamentos de um nacionalismo de cunho crítico.⁹⁰

⁸⁶ OLIVEIRA, 2012, p.87.

⁸⁷ Ibid, p.87.

⁸⁸ JARDIM, Eduardo. **Eu sou trezentos: vida e obra**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

⁸⁹ Ibid, p. 79.

⁹⁰ MORAES, 2003, p.58.

Para entrarmos no objeto desta pesquisa, há de se destacar dois elementos nesse trecho acima: o período e a estratégia de Mário de Andrade nas cartas. Isso, porque a troca de correspondências entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade inicia-se em 1924, e que sim, como veremos, apresentam-se elementos dessa “estratégia persuasiva”, que pode ser interpretada, como disse Moraes, “como a prática de um projeto pedagógico inserido no ideário modernista”.

Logo na primeira correspondência (fig.1) entre Mário e Carlos, em carta enviada por Carlos – de Belo Horizonte - no dia 28 de outubro de 1924, percebe-se que, como observa Moraes nas correspondências dos modernistas, a “engrenagem epistolar move-se, preliminarmente, alimentada pelas ‘afinidades eletivas’, na complexa conjugação de interesses e objetivos comuns, admiração de parte a parte, concordâncias no terreno estético e político”⁹¹. Analisemos alguns trechos da carta:

Prezado Mário de Andrade
Procure-me nas suas memórias de Belo Horizonte: um rapaz magro, que esteve contigo no Grande Hotel, e que muito o estima. Ora, eu desejo prolongar aquela fugitiva hora de convívio com seu claro espírito. Para isso utilizo-me de um recurso indecente: mando-lhe um artigo meu que você lerá em dez minutos. Dois méritos: é curto e “fala mal” do senhor Anatole France (Aliás, Anatole France é um velho vício dos brasileiros e meu também.)⁹²

Percebe-se que Carlos aproxima-se não apenas com afinidade, mas abre brechas para a manutenção do contato com Mário de Andrade, ao querer “prolongar aquela fugitiva hora de convívio”. Para além disso, Carlos enviou um artigo seu sobre Anatole France – escritor francês e Nobel de Literatura, morto em 1924 - por ocasião da sua morte. Isso possibilita uma abertura para o debate através de eventuais críticas ou contribuições futuras da parte de Mário de Andrade⁹³. Mais à frente, na mesma carta, Carlos manifesta o “desejo de conhecer o seu ‘Noturno de Belo Horizonte’”. Numa carta que tive o prazer de receber de Manuel Bandeira, há entusiásticas referências a esse trabalho. Ser-lhe-á difícil ou importuno comunicar-mo?”⁹⁴. Ora, nota-se aí que também Carlos manifesta interesse pela obra de Mário de Andrade – ao pedir o poema “Noturno de Belo Horizonte” - e evidencia contatos em comum, ao citar Manuel

⁹¹ MORAES, 2013, p.136

⁹² FROTA, 2002, p.40.

⁹³ Marcos Antonio de Moraes analisa essa abertura também presente nas correspondências de Mário com Manuel Bandeira: “Em vista dessa ostensiva abertura para o debate, a produção artística, colocada à apreciação do outro, se faz, em muitos momentos, a quatro mãos, diluindo o conceito de obra como produto solipsista ou composta sob a égide romântica do ‘gênio’.” (MORAES, 2007, p. 30).

⁹⁴ FROTA, op. cit., p.42.

Bandeira. Percebe-se que, de certo modo, foi Carlos Drummond de Andrade que estabeleceu um pacto inicial com Mário de Andrade⁹⁵. Mas não para por aí:

Li uma excelente carta que você enviou ao meu amigo Martins de Almeida. Quanta verdade nas suas idéias! E quanta força desabusada! Estou convencido que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intelectual. Ou por outra: é preciso convencer-se a gente de que *é* brasileiro! E *ser* brasileiro é uma coisa única do mundo; é de uma originalidade delirante. Não confundir com nacionalismo. Aliás, você sabe disso melhor do que eu.⁹⁶

Percebe-se que, também aí, Carlos menciona um contato em comum com Mário, além de tecer elogios a ele. Há uma aproximação amistosa, mas que não deixa de ser provocativa. Carlos adentra em um tema muito caro a Mário de Andrade: o Brasil. Não apenas o Brasil, mas o que *é* o brasileiro; o *ser* brasileiro (que foram grifados pelo próprio Carlos ao escrever a carta). E vai além: diz que não se pode confundir isso com o nacionalismo, evocando que Mário saberia sobre essa afirmação melhor do que ele. Está em funcionamento, portanto, a “engrenagem epistolar”.

⁹⁵ Moraes nota que “a configuração do espaço da crítica no diálogo epistolar pressupõe, em geral, o estabelecimento de pactos, mais ou menos explícitos, comumente situados nas primeiras mensagens, contrato passível, contudo, de reformulações ao longo do percurso.” (MORAES, 2013, p.136).

⁹⁶ FROTA, 2002, p.40.

Figura 3 - Carta de Carlos Drummond de Andrade a Mário de Andrade (28/10/1924)

E
 I-MA
 CPL-06

MA-C-CP1, 409 (1)

Prezado Mário de Andrade

Procure-me nas suas memórias de Belle Horizonte: um rapaz magro, que esteve consigo no Grande Hotel, e que muito o estima. Ora, eu desejo prolongar aquella fugitiva hora de convivio com o seu claro espirito. Por isso, utilizo-me de um recurso indecente: mando-lhe um artigo meu, que V. lerá em 10 minutos. 2 meritos: é curto e "fala mal" do sr. Anatole France. (Aliás, Anatole France é um velho viciado do brasileiro, e meu tambem.)

Si uma excellente carta que V. enviou ao meu amigo Martins de Almeida. Quanta verdade nas suas idéas! E quanta força desabusada! Estou convencido que a questão da literatura no Brasil é uma questão de coragem intellectual. Ou por outra: é preciso convencer-se a gente de que é brasileiro! E ser brasileiro é uma coisa unica no mundo, e de uma originalidade delirante. Não confundir com nacionalis-

3 “CARLOS, DEVOTE-SE AO BRASIL, JUNTO COMIGO.”

A resposta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade é escrita em 10 de novembro de 1924, em São Paulo. De imediato, o consolo: “Em todo caso de mim não desespere nunca. Eu respondo sempre aos amigos”⁹⁷. Ieda Lebensztayn⁹⁸ evidencia que, para Mário de Andrade,

A carta era o espaço privilegiado para a celebração da amizade: buscava uma linguagem não cerimoniosa, útil para o convencimento intelectual, e desejava um diálogo sem o temor de melindres. Em seu projeto pedagógico, que carregava um sentido formativo de (auto)crítica, tinha consciência do poder corrosivo ou fecundante de suas palavras.⁹⁹

E esse caráter amistoso nas cartas de Mário, realçado por Lebensztayn, permite que o escritor não hesite em aconselhar Carlos, de acordo com a percepção que tem de outros jovens modernistas brasileiros, a gostar de verdade da vida, caso contrário haveria cansaço e tristeza, ou ainda uma alegria fingida, “o que ainda é mais idiota do que ser sinceramente triste”¹⁰⁰. Mas os conselhos cessam.

Logo à frente, Mário informa Carlos que leu o artigo enviado pelo mineiro e que seu juízo era positivo, embora ressalta-se aquilo que faltava em Carlos: o “espírito de mocilidade brasileira”, o que evidenciaria uma tendência de Carlos à francesa. Então, sem hesitar, Mário de Andrade apela:

Com toda a abundância de meu coração eu lhe digo que isso é uma pena. Eu sofro com isso. Carlos, devote-se ao Brasil, junto comigo. Apesar de todo o ceticismo, apesar de todo o pessimismo, apesar de todo o século 19, seja ingênuo, seja bobo, mas acredite que um sacrifício é lindo. [...]. Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. [...]. Eu não amo o Brasil espiritualmente mais que a França ou a Conchinchina. Mas é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei.¹⁰¹

Nota-se que o apelo de Mário não é como se fizesse a um desconhecido. Pelo contrário, há certa manifestação amistosa, o que possibilita uma relação para além dos elogios. Além disso, não é oculto um aparente “elitismo” do apelo de Mário, que na verdade, para além disso, é uma característica típica das vanguardas. Ao dizer que “*nós* temos que dar uma alma ao

⁹⁷ FROTA, 2002, p.46

⁹⁸ LEBENSZTAYN, Ieda, A compreensão da vida e da arte de Mário de Andrade: suas cartas, **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 357–364, 2008.

⁹⁹ Ibid, p. 362

¹⁰⁰ FROTA, op.cit., p.48

¹⁰¹ Ibid, p.50-51.

Brasil”, é possível dizer que essa tarefa está delegada à elite pensante, de modo particular à elite da Semana Moderna, do Modernismo. São com eles que Mário de Andrade busca forjar uma identidade nacional. Sobre isso, diz Graziela Naclério Forte: ¹⁰²

Em linhas gerais, podemos dizer que, nos primeiros anos do século XX, as elites brasileiras assumiram a tarefa de *criar a nação*, a partir de culturas pré-existentes, em que impunham valores convergentes em “unidade” nacional, retirando, dessa forma, a autonomia comunitária, numa missão intitulada “civilizadora”, visando a alterar a situação de atraso do país, além de consolidar uma elite moderna. [...]. A história da identidade e da cultura brasileira correspondeu aos interesses da elite, em anular os vários desequilíbrios regionais (culturais, sociais e econômicos), privilegiando a restauração da nação de identidade cultural única, através da arte.¹⁰³

Mário não delega apenas aos outros – a elite - essa tarefa, senão também a ele próprio. Para Paulo Henrique Araújo¹⁰⁴, Mário de Andrade delegava-se uma responsabilidade social:

Como linha de frente de sua teorização, o desenvolvimento de uma classe artística aos moldes de uma grande comunidade, congregadora e orgânica, imprimia ao método de convocação dos intelectuais um caráter experimental. Sua manifestação concreta seria fortalecida quando a própria realização desse sentimento novo, da autonomia cultural do país, estivesse consolidada no pensamento e nos modos de vida do brasileiro, por mais utópica que parecesse.¹⁰⁵

Ao encerrar a carta, Mário informa sobre o envio do poema solicitado por Carlos na carta anterior (envios e recebimentos que torna-se comum na troca de correspondência entre os dois) e comunica sobre a publicação de outro poema seu na revista dirigida por Prudente de Moraes e Sérgio Buarque de Holanda, *Estética*.

¹⁰² FORTE, Graziela Naclério, O Projeto Nacional Dos Modernistas, **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 3, n. 4, p. 27–38, 2009.

¹⁰³ Ibid, p.34.

¹⁰⁴ ARAÚJO, Paulo Henrique, Mário, Bandeira e Drummond, três poetas nacionalistas, **Cadernos Cespuc**, n. 30, p. 71–87, 2017.

¹⁰⁵ Ibid, p.73.

Figura 4 - Carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade (10/11/1924)

S. Paulo 10 de Novembro, 1924

Meu caro Carlos Drummond

Já começara a desesperar da minha resposta, comecei esta carta com pretensão... Em todo caso eu não desesperarei nunca. Eu respondo sempre logo. As vezes demoro um pouco, mas nunca deixo ou esquecimento. As solicitações de mim são muitas e as ~~da~~ minhas agora muitas e... Quer saber quais são? Tenho o meu tradicional, é lógico. Almoço no Conservatório, lições particulares. Mas actualmente as minhas preferidas são as seguintes: escrever ditirambos estranhos e divertidos pra' um baile futurista que se dá na dita cidade daqui (a que não pertence, elle vestido extravagante mas bonito pra' elle) de um amigo que vai ao tal baile ser uma conferencia com valor mas que se dá pra' uma festa que damos, o picasso na serra e eu no Automovel Clube, e a que vem. São as minhas grandes preferidas do momento. Serão desprezíveis pra' quem está antiquado, aquado e simbolista. Eu não sou tão impertinente como escrever a rancura ou sofrer uma reunião de culto. Está em gostar da vida e saber viver. É um gesto feliz de viver a vida: é a felicidade. E ser o melhor, não se trata

Fonte: Livro "Carlos & Mário", p.47.

3.1 O “BRASIL INFECTO”, PARA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, OS CURTOS-CIRCUITOS E O PROJETO PEDAGÓGICO NACIONALISTA DE MÁRIO DE ANDRADE

Neste mesmo dia, em 1924, Carlos Drummond de Andrade redigia a terceira carta da relação epistolar com Mário de Andrade. Depois do apelo pelo devotamento de Carlos ao Brasil por Mário de Andrade, Carlos não economiza as palavras ao descrever seu pensamento sobre o Brasil. De imediato, agradece a gentileza e atenção de Mário com ele, afirmando que isso é raridade no Brasil, mas afirma que Mário de Andrade não gostou de seu artigo, embora não se arrependa de ter enviado ao amigo paulista, alegando que Anatole France promoveu a ele uma aproximação intelectual preciosa. E continua:

Reconheço alguns defeitos que aponta no meu espírito. Não sou ainda suficientemente brasileiro. Mas, às vezes, me pergunto se vale a pena sê-lo. Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens incultas e sob céus pouco civilizados. Tenho uma estima bem medíocre pelo panorama brasileiro. Sou um mau cidadão, confesso. É que nasci em Minas, quando deveria nascer (não veja cabotinismo nesta confissão, peço-lhe!) em Paris. O meio em que vivo me é estranho: sou um exilado. [...]. Acho o Brasil infecto. Perdoe o desabafo, que a você, inteligência clara, não causará escândalo. O Brasil não tem atmosfera mental; não tem literatura; não tem arte; tem apenas uns políticos muito vagabundos e razoavelmente imbecis ou velhacos. Entretanto, como não sou melhor nem pior do que os meus semelhantes, eu me interesso pelo Brasil. [...]. O que nós todos queremos (o que, pelo menos, imagino que todos queiram) é obrigar este velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal das idéias.¹⁰⁶

Antes de continuar com outros trechos da carta, cumpre expor um termo de Marcos Antonio de Moraes que é muito caro para este trabalho: curtos-circuitos. Para ele, o estudo das correspondências de escritores modernistas analisando os embates, ou os curtos-circuitos, pode ampliar o modo de se compreender o funcionamento de intercâmbios intelectuais. Moraes analisa que a engrenagem epistolar é movida, de forma preliminar, por ser estimulada através de afinidades eletivas, admirações recíprocas, concordâncias, etc. Essa harmonia garante uma duração temporal da troca de cartas, mas não apenas, pois, para Moraes, “o vigor da correspondência reside, em grande medida, nos impasses, os quais demandam proposições conciliatórias, sinalizando o esforço de superação das diferenças”. E ainda, a discussão em torno da criação literária pode incitar “o exercício do julgamento estético, resultando em contribuições mútuas, o que torna o conceito de autoria mais complexo”.¹⁰⁷

Assim como no caso das correspondências entre Mário e Bandeira, que surgiram “sob o signo do descompasso”¹⁰⁸, é possível dizer que o mesmo acontece com Mário e Carlos. Muito

¹⁰⁶ FROTA, 2002, p.56-57.

¹⁰⁷ MORAES, 2013, p.136

¹⁰⁸ Ibid, p.136.

provavelmente Carlos, que demonstrou conhecimento sobre Mário de Andrade desde o início, sabia das visões dele sobre o Brasil e, mesmo assim, não hesitou em tocar no assunto e manifestar sua contrariedade. As respostas, um tanto quanto ásperas, de Carlos sobre o Brasil incitariam Mário a defender suas ideias e, conseqüentemente, o descompasso possibilitaria um desenrolar vertiginoso na troca de cartas.

Na quarta carta, sem data, escrita por Mário de Andrade, m 1924, o escritor avalia que seu amigo Carlos padecia da “moléstia de Nabuco”¹⁰⁹. E alerta para o mal que Anatole France fez em Carlos Drummond de Andrade.

Anatole é uma decadência, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais adiante. Tem tudo o que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque é desprezo, desdém ou indiferença. [...]. Fez literatura e nada mais. E agiu dessa maneira com que você mesmo se confessa atingido: escangalhou os pobres moços fazendo deles uns gastos, uns frouxos, sem atitudes, sem coragem, duvidando se vale a pena qualquer coisa, duvidando da felicidade, duvidando do amor, duvidando da fé, duvidando da esparnaça, sem esperança nenhuma, amargos inadaptados, horrorosos. Isso é que esse filho-da-puta fez. (FROTA, 2002, p. 67-68).

E ao rememorar o adjetivo “infecto”, dado por Drummond ao Brasil, Mário prossegue dizendo que não se scandalizou, mas que achou lastimável e que “tudo isso ainda são caraminholas metidas na cabeça de você pelas letras do senhor France *et caterva*”¹¹⁰. O paulista Mário de Andrade comentou ainda sobre a frase de Carlos: “apertado dilema: nacionalismo ou universalismo. O nacionalismo convém às massas, o universalismo convém às elites”. Andrade

¹⁰⁹ Em artigo disponível no site da Folha de São Paulo, Marcos Augusto Gonçalves explica: Não deixa de ser curioso que, em contraste com as loas ao patriotismo do abolicionista, Mário de Andrade tenha cunhado, numa boa "boutade", a expressão "moléstia de Nabuco". Referia-se a uma passagem de "Minha Formação", na qual o grande pernambucano afirma que as paisagens todas do Novo Mundo não valeriam para ele um trecho da via Appia ou "um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre". Em sua rica e ambígua experiência de alteridade, Nabuco preferia o "espírito humano", que a seu ver só existia do outro lado do oceano, à paisagem desistoricizada do trópico --embora daqui também sentisse saudades. O próprio Graça discordava dessa maneira de ver as coisas --e seria natural que Mário, um brasileiro, viesse a debochar da reverência à Europa cultivada pelo apolíneo Nabuco. A "boutade" do autor de "Macunaima" vem no contexto de uma troca de cartas com Carlos Drummond de Andrade, na qual o mineiro é repreendido por suas inclinações afrancesadas. Além da admiração manifestada por Anatole France, Drummond, na correspondência, pondera que todos sofreremos dessa mesma "tragédia" de Nabuco --e numa passagem mais forte, chega a considerar o Brasil "infecto". São sentimentos, aliás, que de alguma forma ainda transparecem em manifestações de nossas elites intelectuais, mesmo entre acadêmicos de esquerda. Mário retruca, afirmando que a tragédia na verdade é uma doença. Como a moléstia de Chagas, também teríamos a "moléstia de Nabuco", que consistiria em brasileiros, como Drummond, "andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta da Boa Vista" e em "falar de um jeito e escrever covardemente colocando o pronome carolinamichaelicamente" (referência à filóloga da língua portuguesa Carolina Michaëlis). Para sanar o mal, Mário receita: "Estilize a sua fala, sinte a Quinta da Boa Vista pelo que é e foi, e estará curado da moléstia de Nabuco". GONÇALVES, Marcos Augusto. **"Moléstia de Nabuco" designou o mal-estar da elite em relação ao país**. 2010. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/01/680145-molestia-de-nabuco-designou-o-mal-estar-da-elite-em-relacao-ao-pais.shtml>. Acesso em: 18 mar. 2020.

¹¹⁰ FROTA, 2002, p.68.

é incisivo ao dizer que essa sentença estava errada. Para ele, não há oposição entre nacionalismo e universalismo, mas a existência de um “mau nacionalismo”. De acordo com Mário,

Nacionalismo quer simplesmente dizer: ser nacional. O que mais simplesmente ainda significa: Ser. Ninguém que *seja* verdadeiramente, isto é, viva, se relacione com o seu passado, com as suas necessidades imediatas práticas e espirituais, se relacione com o meio e com a terra, com a família etc., ninguém que seja verdadeiramente, deixará de ser nacional.¹¹¹

Como solução à “moléstia de Nabuco”, Mário recomenda o abasileiramento do Brasil e continua:

De que maneira nós podemos concorrer pra grandeza da humanidade? É sendo franceses ou alemães? Não, porque isso já está na civilização. O nosso contingente tem de ser brasileiro. O dia em que nós formos inteiramente brasileiros e só brasileiros a humanidade estará rica de mais uma raça, rica numa nova combinação de qualidades humanas. [...]. A República Humana, redondinha e terrestre, é uma utopia de choramingas e nada mais. [...] não há Civilização. Há civilizações.¹¹²

Nota-se pelas respostas de Mário que houve um incômodo de sua parte com Carlos Drummond de Andrade. Mário defende seu projeto nacionalista em detrimento de qualquer influência externa – neste caso manifestada por Anatole France –, que, porventura, interfira no *ser* brasileiro. Apesar de em determinados momentos Mário não esconder certa admiração pelas vanguardas europeias, aos poucos o pensamento de Andrade foi mudando, cujo tom destoante manifestou-se em correspondências com outros intelectuais¹¹³, como analisa Marcos Antonio de Moraes.

Ao estudar as cartas de Mário com Tarsila do Amaral, Moraes observa que em uma das cartas, Andrade utilizou um tom desafiante e brincalhão, tendo por objetivo cooptar a pintora para o campo de expressão artística nacionalista. Mário “desqualifica a presença dos brasileiros em Paris, todos ‘épatés’, vendo com excessivo deslumbramento o caduco modernismo francês. Maravilhados, estavam todos, segundo Mário, na rabeira da arte”, como uns “caipiras em

¹¹¹ FROTA, 2002, p. 70.

¹¹² Ibid, p.70-71.

¹¹³ MORAES, 2003, p.60.

Paris”. Ele continua, conclamando para que Tarsila deixasse de lado os mestres a quem estava filiada e que voltasse para ela mesma e descobrisse o Brasil¹¹⁴.

Percebe-se, portanto, que essa empreitada de Mário pelo nacionalismo modernista, manifesta-se não apenas nas cartas com Carlos Drummond de Andrade, senão com todos aqueles que Mário possuía relacionamento aberto à debates que proporcionariam a aplicação de sua prática pedagógica.

Sobre o debate, Carlos afirma, em carta do dia 30 de dezembro de 1924, que apesar de não haver acordo, ele aceita com entusiasmo as criações de Mário, além de especular:

Se não estou confuso, o nosso debate (será mesmo um debate?) gira menos sobre a necessidade de ser brasileiro que sobre os meios de vir a sê-lo. Disse-lhe que acho muito difícil naturalizar-me Cruzeiro do Sul. Tenho cá minhas razões. Não são, como você pensa, ditadas pelo senhor Anatólio e seus respeitáveis confrades, de cuja companhia gradualmente me afasto. Confesso-me francês, porém não anatoliano. Para mim, como para você, Anatólio é uma besta, uma besta, uma besta. Espanto-me de como pudemos discutir a respeito de um cavalheiro sobre o qual temos a mesma opinião.¹¹⁵

Observa-se dois movimentos de Carlos Drummond de Andrade nesse trecho: o primeiro, uma tentativa de dar um norte ao debate. Carlos afirma que o debate não está na questão se é necessário ou não ser brasileiro, mas sim como vir a sê-lo. Há, portanto, um certo movimento de proximidade com a mentalidade de Mário, talvez numa tentativa de acalmar as discussões. O mesmo observa-se no segundo movimento, em que Carlos diz não discordar da opinião de Mário sobre Anatole France. Logo após, em outro trecho, Carlos afirmou que sua única gratidão por Anatole é por ter proporcionado o desvio de obras muito piores¹¹⁶.

Esse tom amenizador é temporário. Carlos, em seguida, diz que sofre da “moléstia de Nabuco” e que não pode achar remédio no Brasil:

Cheirando a nacionalismo, acabou-se: eu protesto. Devido ao mau nacionalismo, como você supõe? Não sei e haverá bom ou mau nacionalismo, principalmente em literatura. Como fazer com esta o que se já fez com a pesca: nacionaliza-la? Como obrigar as inteligências a situar a sua atividade na paisagem mais ou menos restrita da sua pátria? [...]. Como dizer a um escritor: escreva brasileiro se deseja *ser*? Há mil maneira de *ser*. Uma delas, e não a menos confortável, é deixar de *ser*. [...] pode-se ser brasileiro até na Patagônia, até no Cairo, até no inferno, e sentir com emoção um crepúsculo nos Dardanelos ou uma eleição nos Estados Unidos. [...] Isto é o que eu

¹¹⁴ MORAES, 2003, p.61

¹¹⁵ FROTA, 2002, p.77.

¹¹⁶ Ibid, p.77.

chamo de *liberdade espiritual*. Este, sim, o maior bem da vida. Ser. Mas ser tudo. Não somente brasileiro. É tão pequeno o Brasil!... [...]. Você, que tão ardorosamente campa de brasileiro, foi fazer a sua cultura na França, na Inglaterra, na Alemanha.¹¹⁷

O choque com Mário parece inevitável. Há, claramente, visões de brasis nessa discussão e o toque na ferida por Carlos em Mário: você foi fazer sua cultura no exterior. Todavia Carlos Drummond de Andrade não desmerece o trabalho modernista, ameniza o tom e prossegue:

Repito: há mil maneiras de *ser*. A pior é *ser* nacionalista. Agora, de pleno acordo com você: “É preciso desprimitivar o país, acentuar a tradição, prolongá-la, engrandecê-la”. Aí, cada um ajudará na medida de suas forças; como puder e, principalmente, como quiser. Enfim, liberdade! Ela é uma conquista de vocês. Modernistas de São Paulo e Rio. Não a ponham a perder.¹¹⁸

Percebe-se que na medida em que já regularidade nas cartas, o embate torna-se amistoso, preferindo-se ressaltar, muitas vezes, as qualidades e os pontos de convergência. Haroche-Bouzinac observa que “uma certa regularidade das correspondências contribui para suavizar a relação e às vezes oferece à carta uma margem de manobra maior do que a relação de viva voz comportaria”¹¹⁹.

Já ao fim da carta, Carlos pede a Mário alguns números da revista *Klaxon*, veículo dos modernistas, parabeniza-o por um artigo, cobra-o sobre a correção de versos produzidos por Carlos e manifesta seu aguardo por respostas... que demoram chegar.

Em janeiro de 1925, Carlos endereça outra carta a Mário solicitando se ele não havia recebido sua carta. Essa inquietude pela demora na resposta será constante nas correspondências de Mário¹²⁰ e Carlos, principalmente quando algo particular afasta o ofício epistolar. Mas para além da cobrança, uma confissão e agradecimento. Carlos envia um artigo seu intitulado *Poesia brasileira* e escreve para Andrade: “Sou hoje brasileiro confesso. E graças a você, meu caro”¹²¹. Assina a carta com um carinhoso *teu*. Aí está o reflexo da pedagogia de abrasileiramento de Mário de Andrade através da troca epistolar, como observa Paulo Henrique Araújo, ao dividir a relação de Carlos com Mário em fases.

¹¹⁷ FROTA, 2002, p.79.

¹¹⁸ Ibid, p. 80.

¹¹⁹ HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.41.

¹²⁰ Para citar um caso em que Mário demonstra impaciência pela demora: “Recebi carta. Faz uns dez dias mandei registrada para Itabira carta extensíssima sobre o livro de você. Não recebeu! Responda sim ou não para eu sossegar, faz favor! Mário.” (FROTA, op. cit., p. 236).

¹²¹ Ibid, p.88.

Araújo analisa que, nos anos iniciais com Mário de Andrade, havia em Carlos “um desenvolvimento claro da personalidade criadora do mineiro, caminhando no sentido de encontrar a tonalidade adequada à sua manifestação de nacionalismo”, de tal forma que a construção dessa característica pudesse ser, aos poucos, incorporada em outras afinidades que o aproximaram do grupo modernista de São Paulo. Para Araújo, esse período de assimilação de Drummond começa, em 1924, de forma contestatória e de negação do panorama nacional, o que pode ser observado pelo princípio dos diálogos com Mário de Andrade. Em 1925, “o poeta mineiro passa por uma espécie de iniciação à brasilidade” em que suas composições refletem “uma abordagem da nacionalidade em profunda sintonia com os problemas sociais do país¹²²”. Araújo conclui com outro período, de 1928 a 1930, em que “ocorre o que chamamos de uma acomodação dos tópicos nacionais, que cedem lugar a uma assimilação racional dos modelos”, o que não impede certo inconformismo do mineiro¹²³.

Voltando a Mário e o abasileiramento, vemos seus esforços, até mesmo, na forma de escrever¹²⁴. A língua, compreendida como fundamental para a identidade, também foi objeto de estudo e alvo da prática modernista de Andrade. Em carta de Mário para Carlos, do dia 18 de fevereiro de 1925, Mário discute sobre os versos de Drummond:

Foi uma ignomínia a substituição do *na* estação por *à* estação só porque em Portugal paisinho desimportante para nós diz assim. Repare que eu digo que Portugal *diz* assim e não escreve só. Em Portugal tem gente corajosa que, em vez de ir assuntar como é que *dizia* na Roma latina e materna, fez uma gramática pelo que se *falava* em Portugal mesmo. Mas no Brasil o senhor Carlos Drummond *diz* “cheguei em casa” “fui na farmácia” “vou no cinema” e quando escreve veste um fraque debruado de galego, telefona pra Lisboa e pergunta pro ilustre Figueiredo: - Como é que se está dizendo agora no Chiado: é “chega na estação” ou “chega à estação”? [...]. E assim o Brasil progride com Constituição anglo-estadunidense, língua franco-lusa e outras alavancas fecundas e legítimas. Veja bem, Drummond, que eu não digo para você que se meta na aventura que me meti de estilizar o brasileiro vulgar. Mas refugir de certas modalidades nossas e *perfeitamente humanas* como o *chegar na estação* [...] é preconceito muito pouco viril.¹²⁵

Mário escreve sobre as dificuldades desse processo:

Nessa estrada me meti. Sei que tudo está por fazer. E o que é pior, sei que uma palavra brasileira empregada na escrita soa pra todos como exotismo, regionalismo porque só

¹²² Araújo cita este trecho de carta enviada por Carlos a Mário, em 6 de fevereiro de 1925: “Você, com duas ou três cartas valentes acabou o milagre. Converteu-me à terra. Creio agora que, sendo eu mesmo, sou outro pela visão menos escura e mais amorosa das coisas que me rodeiam.” (FROTA, 2002, p. 95).

¹²³ ARAÚJO, 2017, p.75

¹²⁴ Mário fala sobre esse trabalho, também, em carta do dia 16 de outubro de 1925: “Emprego, isto é, estou tentando uma sistematização do falar brasileiro, sistematização e não à tonta, em que uso termos e modismos de toda a parte do Brasil, e quanto a modismo geralmente uso os mais generalizados. Nisso tem justamente o contrário de regionalismo.” (FROTA, op. cit., p.150).

¹²⁵ Ibid, p.99-100.

como regionalismo exótico foi empregada até agora. [...]. Tudo preconceitos e a nossa vida é feita de preconceitos eu sei. Por isso falo em criar uma linguagem *culta* brasileira e falo em adquirir novos preconceitos porque assim se move a vida do homem e se torna nova e se torna bonita. O meu trabalho não é simples nem pequeno. Sei que muito hei de errar. Sei que muitas vezes voltarei pra trás. Sei que exagerarei. Sei que me iludirei talvez. Sei principalmente que a minha língua de hoje cheira caipirismo exótico pra muita gente. Mas aqui ilusão não é minha porque tenho a experiência histórica que está do meu lado.¹²⁶

Evocando a “experiência histórica” que estaria ao seu lado, Mário de Andrade escreve, praticamente, uma defesa ao jeito brasileiro de escrever, dizendo da necessidade de ser criada uma língua culta nacional. Pode-se compreender o trecho como uma tentativa de amolecer o recém-converso Carlos Drummond de Andrade à novidade, afinal Andrade antecipa as dificuldades que poderiam ser elencadas por Carlos em uma próxima carta.

O mineiro, por sua vez, reconhece o trabalho do paulista. Para Carlos, Mário “tem um *fim* e esse fim, norteando sua atividade, há de forçosamente influir sobre a natureza de suas idéias” e que “aprendendo a *sentir* brasileiro”, Mário passou a “*escrever* brasileiro”, condicionando-se ao meio físico e moral, mas sem perder a “preocupação estética, visível e borbulhante nos seus poemas”¹²⁷.

Mário de Andrade, por sua vez, em carta sem data do ano de 1925, recomenda que Carlos deixe de ler os franceses por um tempo e que seja mais crítico em seus trabalhos. Sobre um dos artigos de Carlos, Mário aconselha-o que “na prosa, na prosa crítica: ensine. Não me venha com modéstias: não tenho um talento crítico. Besteira. Suas cartas, seus artigos sempre me provaram o contrário”. Além disso, evoca sua influência francesa, dizendo que na França, apesar de serem “gente pouco criadora”, são “enormemente, genialmente crítica”¹²⁸.

Nesta carta percebe-se uma característica comum nas correspondências trocadas por Mário e Carlos. Comumente há troca de artigos, poesias, prosas, que são criação dos dois escritores e que são submetidas à crítica do outro. Para Haroche-Bouzinac, a carta torna-se esse espaço para comentar dificuldades e elencar “impressões que cercam a elaboração do livro, da alegria ao desanimo, da exaltação ao abatimento. Assim, a correspondência converte-se em diário da obra e fornece, desde que se avance com prudência, as ferramentas necessárias ao estudo genético”. A carta oferece “espaço de confrontação em que a criação literária se faz a várias mãos”. Assim, solicitam-se opiniões, faz-se críticas, acrescenta-se ou altera-se conteúdo

¹²⁶ FROTA, 2002, p.101.

¹²⁷ Ibid, p.106,

¹²⁸ Ibid, p.114.

e a “carta se torna um terreno de experimentação em que o destinatário vale como exemplo do público futuro”. “A correspondência atua como um reservatório, convertendo-se na fonte que alimenta a criação: parágrafos inteiros, transpostos, vão alimentar a ficção, tanto de maneira direta quanto indireta”.¹²⁹

Outra particularidade dessa carta é a observação que podemos fazer dela como um ego-documento. Próximo ao fim da correspondência de Mário, ele escreve pedindo desculpas por falar tanto sobre ele mesmo, e que faz isso por não tirar exemplo da vida de terceiros, além de sua vaidade não deixar fazer proselitismo, concluído que “pros mais amigos me conto”¹³⁰.

Sobre a carta como ego-documento, Diaz observa que a correspondência ultrapassa o limite do discurso epistolar, adquirindo anedotas biográficas e exames de si, um pensar-se interiormente, uma produção de si¹³¹. A carta torna-se “tanto como um testemunho a ser explorado quanto um material poético a ser trabalhado para alimentar a sua própria mitologia, sua mito-história” tornando-se um “afresco no momento em que se pinta”¹³².

Nas cartas dos dias 20 e 27 de maio, 19 de julho e 23 de agosto de 1925, é perceptível a relação amistosa entre os dois intelectuais. As cartas giram, principalmente, entorno do casamento de Carlos Drummond de Andrade com Dolores Dutra de Moraes em 30 de junho de 1925. Muito de desabafo e muito de conselho. A temática sobre o nacionalismo, todavia, retorna na carta escrita por Mário em 23 de agosto. Ele volta às dificuldades que tem pelo seu trabalho:

E é realmente um sacrifício eu afirmar pra você que sou mal compreendido porque tomei por norma que realizei sempre até agorinha o não dizer isso pra ninguém. Acho ridículo a gente não ser compreendido e acho mais que não ser compreendido é culpa da gente e não dos que não nos compreendem. Pois principalmente com mas minhas últimas *evoluções* sou ferozmente incompreendido até pelos meus amigos que me acham orgulhoso e insincero tentando “criar a língua brasileira”. Nunca tive essa vaidade, esta veleidade: dou minha solução, que os outros tenham a coragem de fazer o mesmo e pronto: não dou vinte anos teremos uma língua não diferente porém bastante diversa da portuguesa e, o que é muito mais importante, afeiçoada ao nosso caráter e condições. [...]. Quanto à nacionalidade, Carlos, fique sossegado. Sou o minimamente nacionalista que é possível ser neste mundo. Me contento de ser brasileiro que é coisa muito mais importante pra mim que ser nacionalista.¹³³

¹²⁹ HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.164 et seq.

¹³⁰ FROTA, 2002, p.116.

¹³¹ DIAZ, 2016, passim.

¹³² Ibid, p.93 e 96.

¹³³ FROTA, op. cit., p.137-138.

As angústias de Mário de Andrade, por não ser compreendido, são reflexos de um panorama geral do Movimento Modernista, cuja experiência poderia ser embriagante ou atemorizante¹³⁴. Também é perceptível nesse trecho da carta que Mário de Andrade afirma que haveria (podemos crer que ele imaginava isso como resultado de seu trabalho), um distanciamento do português brasileiro e do português de Portugal, o que daria ao Brasil uma diferenciação linguística maior, com suas próprias particularidades, em comparação ao país europeu. Isso seria fundamental na construção da identidade nacional.

Mas, para além de debates e desabafos, o nacionalismo nas correspondências de Mário e Carlos pode ser estudado pela ótica dos bastidores. Em carta do dia 18 de novembro de 1925, Mário de Andrade explica que o jornal *Noite* organizaria um *Mês Modernista*, em que, pelo período de um mês, o jornal publicaria um artigo diário de algum modernista. Mário explica a forma do artigo e o valor que pagarão, além de dizer que os participantes seriam “Manuel Bandeira e Prudente de Moraes no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas”. O convida e alerta: “Vale? Você compreende: o importante é tomar bem a sério a empreitada e não deixar o jornal sem o artigo no dia certo.”¹³⁵ Em carta do dia 20 de novembro de 1925, Carlos confirma sua participação.

As participações em jornais também faziam parte da prática pedagógica de Mário de Andrade e movimentava outros tantos modernistas que utilizavam os espaços como forma de divulgação e captação de pessoas para o Movimento. Sobre isso escreve André Botelho¹³⁶:

Naquele tempo, a atividade jornalística não só representava um meio de subsistência para os escritores, ainda que relativamente precário, como também era parte fundamental de qualquer estratégia de ascensão intelectual, uma vez que os periódicos constituíam a base da circulação de ideias. Isso se explica, de um lado, porque havia então pouca especialização profissional disponível e uma frágil separação entre vida cultural e vida política no Brasil; e, de outro, pela própria expansão da atividade jornalística, em parte em função dos melhoramentos do suporte técnico e dos métodos de reprodução então empregados. E Mário de Andrade soube utilizar-se da imprensa muito bem, ao longo da vida, ainda que escrever cotidianamente para jornais e revistas possa ter roubado muito de seu tempo e saúde.¹³⁷

¹³⁴ SILVA, Hélio R. S., Modernismo e identidade nacional: algumas considerações, **Estudos Ibero-Americanos**, v. 26, p. 81–93, 2000, p. 85.

¹³⁵ FROTA, 2002, p. 159.

¹³⁶ BOTELHO, André. **De olho em Mário de Andrade**: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2012. Coordenação de: Lília Moritz Schwarcz.

¹³⁷ *Ibid.*, p.25-26.

Mas, como fora dito, aqui percebemos a organização desses movimentos por um viés privado, que são as cartas. Apesar de já ter sido explicado neste trabalho, não custa recuperarmos a ideia de Marcos Antonio de Moraes sobre os bastidores nas correspondências. Ele nos diz que o estudo das cartas observando os bastidores “procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período” e que, nesse sentido,

as estratégias de divulgação de um projeto estético, as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena artística (livros e periódicos, exposições, audições, alterações públicas) tem raízes profundas nos “bastidores”, onde, muitas vezes, situam-se as linhas de força do movimento.¹³⁸

Esses bastidores são perceptíveis em várias outras cartas¹³⁹.

3.2 O NACIONALISMO DE MACUNAÍMA NAS CORRESPONDÊNCIAS

Neste tópico abordaremos o nacionalismo nas correspondências através da conversação de Carlos e Mário sobre o livro *Macunaíma* (1928).

Sergio Miceli¹⁴⁰ observa que a obra de Mário de Andrade tornou-se um livro importante para o nacionalismo brasileiro, que com a “brilhante reciclagem da cultura popular”, consolida “o contexto fantasioso da aventura do herói brasileiro, construída com base na mescla de materiais recuperados da tradição oral e escrita, popular e erudita, brasileira e europeia”¹⁴¹.

O pontapé inicial da ideia sobre o livro foi expressado em correspondência de Mário a Carlos no dia 18 ou 19 – Mário não sabia - de 1927. Mário de Andrade passava uns dias de férias numa fazenda quando pensara no livro.

O caso é que me veio na cachola o diacho duma idéia de romance engraçado e já posso apresentar para você o senhor Macunaíma, índio legítimo que me filiou aos indianistas da nossa literatura e andou fazendo o diabo por esses Brasis à procura da muiraquitã perdida. [...]. Não tem senão dois capítulos meus no livro, o resto são lendas aproveitadas com deformação ou sem ela.¹⁴²

¹³⁸ MORAES, 2007, p.30.

¹³⁹ Para citar exemplos: em 07 de dezembro Mário pede que os escritos dos artigos à *Noite* sejam enviados com antecedência por causa dos Correios; em carta sem data, em 22 de dezembro e 31 de dezembro de 1925, ferozes críticas a Graça Aranha e a decisão de Mário em esculhambá-lo; e, em 23 de novembro de 1926, um farto exemplo de bastidores.

¹⁴⁰ MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁴¹ *Ibid*, p.114.

¹⁴² FROTA, 2002, p.265-266.

Mário explicará melhor seu livro em carta posterior, após Carlos dizer que nunca teve “simpatia pelo índio”¹⁴³. Em resposta, no dia 20 de fevereiro de 1927, Mário diz acreditar que essa falta de interesse de Carlos pelo índio seja pelo ponto artístico, e continua:

Eu tenho interesse artístico por eles. De vez em quando fazem coisas estupendas. Certas cuias do norte, certos vasos marajoaras certas lendas e casos são estupendos, Carlos. Aliás sempre tive uma propensão imensa por tudo quanto é criação artística popular. Não só brasileira não. De toda a parte. [...]. Meu *Macunaíma* nem a gente não pode dizer que é indianista. O fato dum herói principal de livro ser índio não implica que o livro seja indianista. A maior parte do livro se passa em São Paulo. [...]. O que procurei caracterizar mais ou menos foi a falta de caráter do brasileiro que foi justamente o que me frapou quando li o tal ciclo de lendas sobre o herói taulipangue. Os caracteres mais principais que a gente percebe no livro são a sensualidade, o gosto pelas bobagens um certo sentimentalismo melando, heroísmo coragem e covardia misturados, uma propensão pra política e pro discurso.¹⁴⁴

Percebe-se, portanto, que Mário de Andrade constrói esse personagem brasileiro através da cultura popular, utilizando-se de relatos de viagens, lendas, textos etnográficos, episódios da história, etc. Para André Botelho, *Macunaíma* não tem por finalidade ser uma construção da imagem do mundo objetivo, mas uma “‘alegoria’ que surpreenda o leitor, causando questionamentos e inquietações”¹⁴⁵. Além disso, em *Macunaíma*, é possível identificar uma crítica irônica pela busca da identidade.

Para Botelho, o livro de caráter híbrido e inovador, que utiliza-se de uma mistura da pesquisa sobre invenções populares e recursos musicais e estéticos literários, estimula o contexto fantasioso da história do herói. Outrossim, o domínio sobre a ambiguidade, “presente na concepção do cenário e das personagens e na própria caracterização do herói, permite que Mário de Andrade busque nossa identidade nacional e ao mesmo tempo problematize crítica e ironicamente essa intenção, que sem dúvida era coletiva e de várias épocas.”. Para Botelho, as misturas que incorporam *Macunaíma* são fundamentais para a composição do protagonista “que, como a sociedade brasileira, encontrava-se impregnado pelas ambiguidades e pelo dilacerado entre ordens sociais e valores contrastantes, entre o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, o Brasil e a Europa.”¹⁴⁶.

Para Eduardo Jardim, o contexto era de formação da identidade nacional e era papel do artista “manter-se em contato com a substância da vida brasileira, recuperá-la e, com sua obra, transmiti-la aos contemporâneos.”. Jardim evidencia que em outros momentos da história

¹⁴³ FROTA, 2002, p.269.

¹⁴⁴ Ibid., p.276.

¹⁴⁵ BOTELHO, 2012, p.22.

¹⁴⁶ BOTELHO, 2017, p.23

intelectual o tema nacionalidade fez-se presente, como no romantismo, mas apenas no Modernismo a casta intelectual vinculou-se de forma íntima com o brasileiro, não sendo mais um tratar o Brasil como tema, “mas de escrever e de pensar de forma brasileira”. Foi nesse momento em que Mário de Andrade justificou sua vocação¹⁴⁷.

Realizadas essas observações, voltemos às cartas. Foi com um “Viva Macunaíma!” que Carlos Drummond de Andrade comemorou o livro de seu amigo. Não poupou elogios ao dizer que a obra faz uma “terrível e formidável sátira, muito cruel, dolorosa mesmo, porém ao mesmo tempo que coisa saborosa e nunca vista até hoje!”¹⁴⁸. Mário concorda com as opiniões do seu amigo sobre Macunaíma e arrebatava:

De fato nunca tive intenção de que Macunaíma não tivesse referência com o brasileiro. Até vivia falando que Macu não era o brasileiro porém que ninguém não podia negar que era *bem* brasileiro. Porém Macunaíma não pode ser símbolo do brasileiro, simplesmente porque "símbolo" empregado assim, sem mais nada, implica necessariamente totalidade psicológica. E essa Macunaíma propositalmente não possui. Tirei dele propositalmente o lado bom do brasileiro. E as bondades expressas no livro são todas caracterizados em ridicularização. [...]. Macunaíma é uma "sátira", palavra que você empregou e foi a mesma que empreguei. Não é um símbolo totalizado, símbolo restrito, se referindo à minha obra o que é eminentemente socializadora.¹⁴⁹

A “confeção” do brasileiro em Macunaíma foi, pelo que percebe-se, motivo de euforia para Mário, criador, e para Carlos. Todavia essa completa entrega de Mário ao ofício causa desgastes e é o que será explorado no próximo tópico.

3.3 “MÁRIO, PONHA O BRASIL PARA UM LADO”

“No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho.” O entusiasmo de um intelectual não é constante, nem mesmo sobre suas próprias ideias. Em fevereiro de 1928, Mário de Andrade demonstra isso, ao dizer que o

Brasileirismo está me fatigando um bocado, de tão repetido e aparente. “Sou brasileiro” é frase que me horroriza, palavra. É tão fácil já a gente ser brasileiro sem gritar isso! Também publico o *Macunaíma* que já está feito e não quero mais saber de brasileirismo de estandarte. [...]. Confesso que quando me pus trabalhando pró-brasilidade complexa e integral (coisa que não se resume como tantos imaginaram no trabalho da linguagem) confesso que nunca supus a vitória tão fácil e o ritmo tão pegável. Pegou. Eu estava disposto a dedicar minha vida pro trabalho.¹⁵⁰

¹⁴⁷ JARDIM, 2015, p. 90

¹⁴⁸ FROTA, 2002, p. 336.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p.338-339.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p.321.

Esse desabafo pode evidenciar algum tipo de desânimo da parte de Mário, mas não uma desistência. Ele mesmo afirma que previu dificuldades; sabia que seus ideais não seriam vitoriosos tão facilmente. Há, no entanto, quem esteja disposto a ajudar.

Carlos Drummond de Andrade reafirma sua confiança em Mário e naquilo que ele ainda faria, achando-o, de todo modo, um homem essencial para aquele momento intelectual, e continua:

À proporção que cresce o meu nojo por esses filhos-da-puta que descobriram um rótulo novo para mascarar uma coisa tão antiga como o mundo, que é a falta de caráter, dando-lhe apenas uma nova aplicação: a literária – cresce também essa confiança lúcida e alta em você, no ser moral e mental que você é. *Estou farto de modernismo, de nacionalismo, de nacionalismo, de antropofagismo, de crioulisto, de burrismo, de tudo que enodoa a nossa época e dá aos espectadores insuspeitos uma triste impressão ou de canalhice ou de burrice, quando não das duas coisas ao mesmo tempo. Estou farto de literatura...* Preciso repousar em um coração amigo, não para me lastimar nem para protestar, apenas para fazer abstração de tudo isso, esquecer tudo, ser um homem livre e incontaminado.¹⁵¹

O grifo acima, feito por nós, demonstra também um desabafo de Carlos, que continua numa carta de 18 de maio de 1930, em forma de conselho ao amigo Mário:

Mário, ponha o Brasil para um lado, com todas as misérias que sendo dele são nossas também, mas por que havemos de carregar tanta miséria junta? Eu não estou dando um conselho a você, mas apenas lembrando a você que a sua felicidade tão heroicamente conquistada (e só você mesmo poderá avaliar o preço que ela lhe custou) vale mais que toda essa porcaria.¹⁵²

Embora Carlos tenha dito que não trata-se de um conselho, fica evidente em um trecho adiante que Drummond só fez essas intervenções por perceber certa infelicidade em Mário de Andrade diante do estado das coisas, ao dizer que “não, é inútil tentar concertar o Brasil, ou por outra, o desconcerto do eterno do Brasil é o seu próprio traço diferencial, o seu modo de ser...”¹⁵³.

¹⁵¹ FROTA, 2002, p. 351-352.

¹⁵² Ibid., p. 375.

¹⁵³ Ibid., p. 376.

4 CARTAS EM MEIO ÀS REVOLUÇÕES DE 1930 E 1932

Cumprе ressaltar que no período em que ocorreram as trocas de correspondências entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, o país vivenciou uma efervescência na vida política, e esse contexto não ficou ausente nas correspondências.

Mário de Andrade, já em 1929, escrevera crônicas ao *Diário Nacional*, que fazia oposição ao governo do Partido Republicano Paulista (PRP) e que “expressava a opinião de setores de proprietários rurais, profissionais liberais e intelectuais, críticos da política dominante desde o início da República”¹⁵⁴.

O irmão de Mário, Carlos, havia sido liderança do partido. Esse momento de contato entre Mário e o Partido marcou uma etapa de sua vida como intelectual público até fins de 1937, “quando o Estado Novo encerrou um ciclo de sua vida”¹⁵⁵.

Botelho e Hoelz¹⁵⁶ destacam o dilema em que se encontravam os intelectuais:

Tomada do ponto de vista da participação dos intelectuais na política, em parte parece mesmo tratar-se de uma situação sem saída. Como observava Norberto Bobbio (1997, pp. 21–22), se o intelectual participa da “luta política com tanta intensidade que acaba por se colocar a ser serviço desta ou daquela ideologia, diz-se que ele trai sua missão de clérigo [...] Mas se, de outra parte, o homem de cultura põe-se acima do combate [...] para não trair e se ‘desinteressar das paixões da cidade’, diz-se que faz obra estéril, inútil, professoral”.¹⁵⁷

Em uma de suas crônicas ao jornal *Diário Nacional*, “Mário declarou que a fundação do Partido Democrático tinha sido o resultado da ampliação do ‘movimento de renovação brasileira, aberto faz mais ou menos dez anos’”¹⁵⁸. Mário referia-se ao movimento modernista. O mesmo partido apoiou a Aliança Liberal que lançou Getúlio Vargas e João Pessoa para o cargo Executivo do Brasil, considerada por Mário como uma chapa síntese do ideal do brasileiro.

Eduardo Jardim evidencia ainda o posicionamento de Mário após a “alegada manipulação do resultado que deu a vitória ao candidato situacionista e o assassinato de João Pessoa por João Dantas, seu adversário político” que culminou no golpe de outubro. “Mário de Andrade o apoiou” e, posteriormente, em novembro, “manifestou a opinião de que via como uma das coisas mais revoltantes a posição dos que se mostravam desapaixonadamente acima dos acontecimentos e pretendiam julgar com olhar superior”. Mário, por sua vez, movido pela

¹⁵⁴ JARDIM, 2015, p.107.

¹⁵⁵ Ibid., p. 108.

¹⁵⁶ BOTELHO, André; HOELZ, Maurício, Macunaíma contra o Estado Novo: Mário de Andrade e a democracia, *Novos Estudos*, v. 37, n. 2, p. 335–357, 2018.

¹⁵⁷ Ibid., p. 336-337.

¹⁵⁸ JARDIM, op.cit., p. 108.

paixão, característica do brasileiro no futebol e na política, “deixou-se levar pelo entusiasmo, e berrou bem alto: ‘Getúlio! Getúlio!’”¹⁵⁹.

Pode-se compreender esse posicionamento se levarmos em conta que o golpe que levou Getúlio ao poder e posteriormente concretizou o Estado Novo, “não representa uma ruptura, mas antes um aprofundamento em relação a Revolução de 1930” e que a Revolução foi um eixo no qual a cultura brasileira girou, de certo modo, “catalisando elementos dispersos para dispô-los numa configuração nova”, o que produziu um movimento em prol da unificação cultural, projetando nacionalmente aquilo que restringia-se apenas regionalmente. Isso proporcionou, de acordo com Botelho e Hoelz, “condições para realizar, difundir e rotinizar uma série de aspirações e inovações geradas na década de 1920 que depois levariam ao alargamento da participação social dentro do âmbito cultural existente, por sua vez também ampliado.”¹⁶⁰

Botelho e Hoelz continuam, dizendo que o “Estado Novo deu vazão a anseios de participação e mudança cultural, social e política de intelectuais de diferentes orientações politico-ideológicas”, sendo que, no caso dos modernistas, “acabou canalizando o empenho comum, mas com significados distintos, de tornar o Brasil mais familiar aos brasileiros, trazendo o tema da ‘identidade nacional’ para a esfera pública e promovendo certo reconhecimento da ‘cultura popular’”.¹⁶¹

Em síntese, é possível dizer que naquele momento o Estado apresentava-se como um possível meio de se concretizar o ideário modernista¹⁶².

Jardim explica que a frustração de Mário e boa parte de São Paulo com o regime getulista viria com a nomeação dos vários interventores para o governo estadual, tendo como marco principal a Revolução Constitucionalista em 1932. A participação de Andrade no conflito não foi direta, mas sim por meio de suas colunas, que chegou a expressar o sentimento

¹⁵⁹ JARDIM, 2015, p. 108.

¹⁶⁰ BOTELHO; HOELZ, 2018, p. 337-338.

¹⁶¹ Ibid, p.338.

¹⁶² Uma trajetória intelectual particularmente emblemática para repensar esse conjunto de questões e, não por acaso, a de Mário de Andrade, sobretudo tendo em vista que, no seu caso, o sentido trágico para a democracia na aproximação do intelectual modernista ao Estado Novo parece perder as fronteiras entre objetividade e subjetividade. Mário foi justamente um intelectual não apenas movido, mas também tragado por suas experiências com a democratização da cultura. O Estado Novo foi para ele, ao mesmo tempo, o alçó de uma experiência pública comprometida com o alargamento do círculo de inclusão democrática via cultura, iniciada no Departamento de Cultura de São Paulo, e o destino possível que encontrou, após sua demissão, para dar vazão a seu projeto modernista de renovação cultural e mesmo para manter seu sustento material. (BOTELHO; HOELZ, 2018, p. 339).

de antipatia de paulistas pelo estrangeiro¹⁶³, vacilando, até mesmo, o seu programa nacionalista. Isso porque, em todo o país, rememorou-se antigos ressentimentos e rivalidades entre os estados da federação.

Em uma carta, também citada no livro de Eduardo Jardim¹⁶⁴, Mário de Andrade abre-se a Carlos Drummond de Andrade:

Você perceberá fácil que ainda estou desarrazoado. Por mim não sei se estou. Você, nacionalmente falando, é um inimigo meu agora. Você talvez não sinta isso, eu sinto. Por isso mesmo há uma prova perfeita de amizade no abandono destas confissões que me convertem a tamanha pequenez intelectual. Intelectual, ou talvez do inteiro ser... Mas pros amigos perfeitos ainda considero uma ignomínia eu me enfeitar. Estou nu. Mas sorrio, verificando que pelo menos este nu é apaixonado.¹⁶⁵

Como bem evidência Jardim, a carta foi enviada após a derrota Militar de São Paulo, em 6 de novembro de 1932 e traz contradições. Analisemos outro trecho:

A verdade é que não me faltará em menino estudante esse sentido político, exclusivista, proprietário, de pátria. Mas, nem foram só as leituras e o amadurecimento de mim, foi a própria entidade minha em seus impulsos que logo me livraram desses conceitos antiquados, imperialistas, sentimentais. Não me faltará o senso político de Pátria, ultrapassara. [...]. Por mim, com o meu nome, mesmo agora que amo consangüineamente minha terra e meus paulistas, e o Brasil é para mim apenas um fantasma indesejável que quase me repugna, de que tenho às vezes rancor [...].¹⁶⁶

Aqui Mário de Andrade abre mão de um sentimento de pátria, atribuindo a ele um sentido pejorativo. Pouco antes Mário ia além, escrevendo que considerava a Revolução um crime hediondo e que condenava o militarismo. Mas em outro trecho, Mário evidencia sua completa entrega à causa paulista:

Os amigos me chamavam para a Liga de Defesa Paulista, me entreguei a eles. Mandassem que eu fazia. Mandaram e eu fiz. Banzei por todos os trabalhos da Liga e o que mandaram eu fiz, Alistamento, censura de correio militar, serviço informativo, folhetos de propaganda, comunicados do S.E.O., escritos pro *Jornal das Trincheiras*, o que mandaram eu fiz.¹⁶⁷

Há claramente uma contradição, mas atentemos para outro aspecto: embora Mário e Carlos estivessem em campos opostos na revolução, como o próprio Mário enfatiza, houve uma plena abertura de um para o outro nas correspondências. Sim, uma comunicação sincera sobre o ânimo político que não foi interrompida durante a revolução de 1930 e 1932. Pelo contrário,

¹⁶³ Escreve Jardim: “Folclore da Constituição” relata o caso de um rapazinho que escapou de casa para a frente de batalha, apesar dos protestos da mãe italiana, a quem, por carta, ele acusou: “Mamãe, você não é paulista, não me compreende...”. Na crônica em que comentou a saída de João Alberto da interventoria, denunciou a “esfomeação indecente” com que os nordestinos voaram para São Paulo à cata de empregos públicos. (JARDIM, 2015, p. 110).

¹⁶⁴ Ibid., p.111.

¹⁶⁵ FROTA, 2002, p.428.

¹⁶⁶ Ibid., p.436.

¹⁶⁷ Ibid., p. 427.

é possível dizer que, até aqui, os *curtos-circuitos* se mostram fator importante na engrenagem epistolar.

Houve, contudo, um momento em que a divergência de visões sobre o Brasil pode ter impedido a contribuição intelectual de um para o outro.

Em uma carta sem data de 1930, Mário de Andrade envia a Carlos Drummond de Andrade uma correspondência em que informa um convite do *Diário Nacional* para Drummond sobre eventuais colaborações. O interessante de ser analisado no trecho é a evidência que Mário dá a um elemento das condições. Diz ele: “artiguete semanal, sobre qualquer assunto *menos política*. Espinafrações, elogios, tudo permitido *menos política*”¹⁶⁸. O grifo nosso serve justamente para mostrar que por duas vezes Mário expressa que o “qualquer assunto” tem uma exceção: menos política; que o “tudo permitido” tem uma proibição: política.

A resposta de Carlos Drummond de Andrade pode ser transcrita integralmente, visto sua brevidade: “Impossível escrever mando somente abraços.”¹⁶⁹

Pode-se interpretar o “impossível escrever” como se Carlos não pudesse redigir uma carta extensa. Todavia isso não faz sentido, pois se ele não pudesse escrever, sequer teria começado. Então a possibilidade mais plausível é que essa negação se dá pelo fato de que o *Diário Nacional*, como órgão do Partido Democrático, encontra-se do outro lado político de Carlos Drummond de Andrade, o que não impede Mário de insistir uma segunda vez, em outra carta sem data de 1930, aparentemente crendo na primeira interpretação aqui dada. Sabe-se que Carlos não contribuiu com artigos ao *Diário*.

Mário continua a escrever sem obter respostas. Chega a enviar uma extensa carta de Araraquara, em 1º de julho de 1930, escrita durante vários dias, tomando corpo de uma “carta-diário” em que “carta aberta permanentemente que se guarda vários dias para preenche-la com seu peso de palavras e de ser, antes de pô-la no correio”¹⁷⁰.

A resposta de Carlos viria não por carta, mas por telefonema diretamente do Estado-Maior, onde encontrava-se Carlos à serviço. Mário o agradece pela ligação, em carta de 24 de novembro de 1930, pelo bem que Drummond o fez ao contatar, mas lamenta o “avacalhamento moral a que os paulistas tinham atingido” e entristece-se porque “toda a riqueza bonita de tradição e feitos” paulistas se converteram “no que fomos nesta Revolução”¹⁷¹. Para ele, várias explicações de cunho histórico, econômico e social explicariam “o papelão de São Paulo neste

¹⁶⁸ FROTA, 2002, p.379.

¹⁶⁹ Ibid, p.380.

¹⁷⁰ DIAZ, 2016, p.88.

¹⁷¹ FROTA, op. cit., p.394.

momento ilustríssimo no Brasil”, “mas não desculpam e principalmente não satisfazem. Sempre é triste”¹⁷². E continua, de forma contundente:

E não me censure por nenhum estaduanismo estreito que não tenho mesmo não. Sou absolutamente incapaz de sobrepor qualquer afeto paulista aos meus apaixonados sonhos de internacional intransigente e de nacional por concepção de vida pessoal, fatalidades humanas e vontades de ser eficaz. E pra viver, o que eu sonho é viver no Nordeste, a parte do Brasil em que meu ser mais se expandiu e foi completado pelo ambiente. É uma simples tristeza de ver esta gente de que tenho vivido em contato físico mais íntimo, se envilecer no dinheiro e não ter tido força racial ou outra suficiente para se opor a todos os fazedores de América, estrangeiros, dos outros estados e até paulistas que acabaram avacalhando por completo a nossa gente e reduzindo isto a uma esplendorosa miséria.¹⁷³

A carta de Mário é um falar de si, em que pesa na tinta suas contribuições acerca do momento pelo qual o Brasil passava. Para além de uma explicação exterior, expressava-se o interior de alguém que, para além de um pensador do Brasil, vivia o Brasil, e o vivia num momento de difícil.

Essa versão apaixonada e exaltada de Mário de Andrade não se apresenta apenas nas correspondências com Carlos. Na biografia de Mário de Andrade, Eduardo Jardim diz que “as cartas de Mário de Andrade são sempre muito calorosas” e que isso causou estranhamento em Manuel Bandeira quando aproximou-se pessoalmente dele e “notou que o amigo que aparecia nas cartas era muito mais expansivo que o da vida real”¹⁷⁴

Na Revolução de 1932, Carlos Drummond de Andrade pedia que Mário “compreendesse o ardor que Minas pôs na luta, e que verificasse que nenhum Getúlio nos conduziu com a sua irreparável insignificância humana”, e que Minas Gerais moveu-se por um “compromisso tácito e um doloroso dever”¹⁷⁵. A resposta de Mário viria com o mesmo emocionalismo analisado anteriormente, carregado de espírito combativo:

Se tantas vezes tenho sido friamente pragmático na vida e praticado injustiças conscientes em proveito de alguma verdade utilitária, d’alguma “verdade viva”, era a primeira vez que tomava contato direto com o pragmatismo irracional da guerra. Tinha todos os impulsos finais, me erguer contra essa monstruosidade que eu reconhecia sublime mas que reconhecia monstruosidade também, e ser linchado e acabar, ou acabar ainda, mas do outro lado, indo sacrificar minha vida de paz, tomando alguma bala de trincheirada por aí. Também esses impulsos caíam logo, respondidos por outro de igual... lógica. Na verdade eu perdera completamente a felicidade do ser.¹⁷⁶

A derrota de São Paulo tocou profundamente Mário de Andrade, que “viveu adoentado e em estado de ânimo sombrio todo o ano de 1933, e ficou muito impressionado ao completar

¹⁷² FROTA, 2002, p.394.

¹⁷³ Ibid., p.394-395.

¹⁷⁴ JARDIM, 2015, p. 112.

¹⁷⁵ FROTA, op. cit., p.422.

¹⁷⁶ Ibid., p.426.

quarenta anos, em outubro”¹⁷⁷. Esse abatimento o fez manter algumas atividades, iniciando, por exemplo, uma coluna sobre música no *Diário de S. Paulo*, mas o fez diminuir o número de publicações. Para quem devota-se ao Brasil, há o preço de sacrificar-se junto com o Brasil.

¹⁷⁷ JARDIM, 2015, p. 113.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Planalto, 27 de outubro de 2020.

Caro(a) leitor(a);

Aqui estou eu, novamente. Se iniciei este trabalho com uma carta introdutória, não poderia encerá-lo de outra forma senão escrevendo, mais uma vez, uma epístola.

Recapitulo contigo os passos que trilhamos na leitura deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Se esqueceu de alguma coisa, brevemente refrescarei sua memória.

Iniciei este trabalho com um começo contextual, ou melhor, conceitual, para então contextualizar. De forma muito breve abordei o nacionalismo e pudemos ver que há muitos nacionalismos por aí. São construções políticas e simbólicas, podendo ser analisados de muitas formas e de várias perspectivas. Aqui, neste TCC, foquei na realidade brasileira da primeira metade do século XX, durante o Movimento Modernista, que, a partir da cultura, visava construir a identidade nacional diante daquele momento. Ficou à cargo da contextualização essa explicação, breve e panorâmica. O que propus, no entanto, foi algo ainda mais específico dentro desse movimento.

Tendo o nacionalismo e o Movimento Modernista, você percebeu que as fontes utilizadas no trabalho foram as correspondências. E vistas, também, que no desenvolvimento tracei brevemente a história das cartas e sua utilização no modernismo. Foi aí que chegamos num dos personagens: o modernista e epistológrafo Mário de Andrade.

Comecei, portanto, de algo amplo - o conceito de nacionalismo -, para atentar-me especificamente nas correspondências de Mário de Andrade, trocadas com Carlos Drummond de Andrade. O objetivo inicial era analisar se nas cartas havia algum diálogo sobre o nacionalismo. E você percebeu que a resposta para o problema veio antes mesmo de começar a escrever o próprio trabalho, logo que tive o primeiro contato com a fonte, o que permitiu que todo o TCC ficasse voltado às discussões nacionalistas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade.

Talvez você tenha percebido, leitor (a), que o grosso da análise sobre o nacionalismo nas correspondências esteve voltado para aos primeiros anos da troca epistolar de Mário e Carlos. E de fato, foi no começo da relação epistolar que com maior frequência houve discussões sobre o Brasil. Coincidentemente foram as cartas mais animosas, em que o caráter de debate é notório. Isso porque o pacto inicial entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade se dá, para além das semelhanças e admirações mútuas, pelas diferenças de ideias, principalmente acerca do Brasil. A amizade proporcionou a liberdade do embate, e os curtos-

circuitos que tiveram, sobretudo quando falavam de Brasil, foi fundamental para que mantivessem uma assiduidade na troca epistolar. Na medida em que os debates arrefeceram, somados aos acontecimentos pessoais e ao contexto brasileiro, o intervalo de uma carta para outra aumentou. Pode-se dizer então que a temática do nacionalismo e a discussão sobre, foram fundamentais para a solidificação da relação epistolográfica e que ao surtir efeito – ao menos em partes - a prática pedagógica de Mário em converter Carlos ao Brasil, os debates diminuíram, diminuindo também a frequência da carteação.

Antes de me aproximar de ti novamente, leitor, cabe dizer que a finalidade desse nacionalismo discutido nas cartas e também no modernismo como um todo, deixa como legado a tentativa de tornar o Brasil conhecido para os próprios brasileiros, não com um nacionalismo ingênuo ou um patriotismo cego. É isso que Mário quer ao pedir para Carlos devotar-se ao Brasil e combater a moléstia de Nabuco.

Veja, caríssimo(a), não se trata de manifestar apoio ou não ao ideário Modernista, mas refletir que sim, o modernismo tem um legado. Se é positivo ou não, isso não está em discussão aqui, mas se temos alguma noção do que é o Brasil, o que é a cultura produzida no Brasil e uma maior proximidade de gentes regionais com suas características, deve-se também ao modernismo e aos esforços de gente como Mário de Andrade.

Por fim, quero utilizar do relacionamento que abri contigo pela carta para retornar à pessoalidade, abusando um pouco mais deste laço que criamos logo no início da sua leitura, para abrir-me um pouco mais e fazer história.

Confesso que esta carta assemelha-se muito ao diário, pois não escrevi num único dia. E quando comecei a escrevê-la, presumi que o desfecho seria outro, pois o momento era outro. Agora que estou escrevendo a conclusão deste documento para você, encontro-me no dia vinte e três de abril de dois mil e vinte. Retornei à escrita em outros dias, como hoje, dezenove de maio de dois mil e vinte. E escrevo como se estivesse num exílio, num retiro, enclausurado por um toque de recolher, em virtude de um vírus que nos isolou. A quarentena tirou-nos do estado normal para o estado de exceção, inclusive na academia. Já são várias semanas sem acesso à universidade. Mas por que trouxe isso em voga?

Leitor(a), novamente discussões cobrem o País em meio ao caos que nos encontramos. Creio que apesar das divergências, os vários lados buscam algo que seja benéfico a todos: pela vida e sua dignidade. Puxei este assunto para evidenciar que o nosso Brasil ainda está com antigas vísceras expostas. E o pior: muitos ainda encontram dificuldades em identificar-se com o Brasil. Em outros tempos, voltaríamos os olhos ao exterior para nos espelharmos, mas

também o estrangeiro passa pelas mesmas chagas que nós passamos. A incerteza dominou o cenário mundial e a história contará, com o passar do tempo e o devido distanciamento, pelo que passamos, no que erramos e no que acertamos. O momento talvez seja de nos interiorizarmos e pensarmos, sim, no Brasil.

Confesso a você o quão prazeroso é escrever assim... deixando o teclado transparecer a autenticidade e com ela as angústias.

Para além de analisar o debate nacionalista, o prazer de se ler cartas, como as de Mário e Carlos, é registrar essas ondas da personalidade, cujas variações muitas vezes escapam do tinteiro.

Mário e Carlos também escreveram sob adversidades, como eu escrevo. Os dois vazaram para o papel seus embates nos momentos de transformação do Brasil, seja no campo intelectual, seja no campo político; seja na arena das ideias, seja na revolução armada; seja na alegria, seja no sofrimento...

Mário, muitas vezes, escreveu em condições ruins de saúde. Sofria de neurastenia. Suas cartas também eram utilizadas como válvula de escape, em que retratava suas agonias e deixava transparecer sua humanidade, buscando no destinatário um confidente. Hoje, em que muitas vezes alguns sintomas da neurastenia se manifestam pela ansiedade em virtude das incertezas pandêmicas, também utilizamos de meios que nos aproximam e quebram o isolamento. Talvez não mais as cartas, mas sem dúvida ao usarmos os meios tecnológicos para nos relacionarmos, damos o mesmo valor que Mário dava às cartas para se contar aos amigos.

Com essa reflexão encerro esta carta, na esperança de dias melhores para mim, para você e para o Brasil. Espero ansiosamente pelo dia que repetirei, como o epistológrafo São Paulo, a máxima: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé” (II Tim 4, 7).

“Não estamos alegres, é certo,

Mas também por que razão haveríamos de ficar tristes?

O mar da história é agitado

As ameaças e as guerras, haveremos de atravessá-las,

Rompê-las ao meio,

Cortando-as como uma quilha corta as ondas."

(Vladimir Maiakovski).

Deus nos ajude!

Seu Igor.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Tradução de Denise Bottman.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Hino Nacional**. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/5668/hino-nacional>>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- ANDRADE, Mário de. **O Movimento Modernista**. S.I: Oca Editorial, 2018.
- ARAÚJO, Paulo Henrique, Mário, Bandeira e Drummond, três poetas nacionalistas, **Cadernos Cespuc**, n. 30, p. 71–87, 2017.
- BOTELHO, André. **De olho em Mário de Andrade**: uma descoberta sentimental e intelectual do Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2012. Coordenação de: Lilia Moritz Schwarcz.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício, Macunaíma contra o Estado Novo: Mário de Andrade e a democracia, **Novos Estudos**, v. 37, n. 2, p. 335–357, 2018.
- DIAZ, Brigitte, Carta e diário no século XIX : influências e confluências, **Letras de Hoje**, v. 49, n. 2, p. 233–240, 2014.
- DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o Pensamento Nômade**: Formas e Funções da Correspondência em Alguns Percursos de Escritores no Século XIX. São Paulo: Edusp, 2016.
- Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/praxis/482/5023019-DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 out. 2019.
- ESTEVÃO, Bruna; CRUZ, Eduardo da; MOCHENSKI, Franciane, O Espelho de Machado de Assis refletindo um nacionalismo brasileiro “autêntico”, **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 23/24, p. 20–32, 2009.
- FORTE, Graziela Naclério. O Projeto Nacional Dos Modernistas. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 3, n. 4, p. 27–38, 2009.
- FROTA, Lélia Coelho (Org.) **Carlos & Mário**: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- GONÇALVES, Marcos Augusto. "Moléstia de Nabuco" designou o mal-estar da elite em relação ao país. 2010. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/01/680145->

molestia-de-nabuco-designou-o-mal-estar-da-elite-em-relacao-ao-pais.shtml. Acesso em: 18 mar. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas Epistolares**. São Paulo: EdUsp, 2016. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira.

JARDIM, Eduardo. **Eu sou trezentos: vida e obra**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

LEBENSZTAYN, Ieda. A compreensão da vida e da arte de Mário de Andrade: suas cartas. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 357–364, 2008.

LESSA, Carlos, Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira, **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 237–256, 2008.

LIMA, Kleverson Teodoro de. Cartas, História e Linguagem. **Revista de Teoria da História**, S.i, p.210-225, jun. 2010.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. Considerações sobre a formação do Modernismo brasileiro. **Remate de Males**, Campinas, p.31-50, 2013.

MICELI, Sergio. **Vanguardas em retrocesso: ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de. Curtos-circuitos na correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira. **Remate de Males**, v. 33, n. 1–2, p. 135–147, 2013.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 1, p.30-32, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e projeto nacionalista em Mario de Andrade. **Gragoatá**, n. 15, p. 55–67, 2003.

NACIONALISMO. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/nacionalismo>>. Acesso em: 30 out. 2019.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins. Breve Panorama do Modernismo no Brasil: Revistando Mário e Oswald de Andrade. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, v. 8, n. 11, p.82-95, 2012.

QUEIROGA, Socorro; BARBOZA, Kaline Gonzaga. O Manual Novo Secretario Portuguez ou Código Epistolar anunciado nos jornais oitocentistas: a circulação do ensino de civilidade na província da Paraíba. **Revista de História e Estudos Culturais**, S.i, v. 14, n. 1, p.1-18, 2017.

Disponível

em:

<http://www.revistafenix.pro.br/PDF39/artigo_15_secao_livre_Socorro_Queiroga_e_Kaline_Gonzaga_Barbosa_fenix_jan_jun_2017.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SILVA, Hélio R. S. Modernismo e identidade nacional: algumas considerações. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, p.81-93, 2000.

TISMANEANU, Vladimir. **O Diabo na História**: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.